

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Filipe Mattos Martins

**PROPOSIÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES
PARA AVALIAR AS HABILIDADES TÉCNICAS
EM JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL**

**Porto Alegre
2012/2**

Filipe Mattos Martins

**PROPOSIÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES
PARA AVALIAR AS HABILIDADES TÉCNICAS
EM JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Programa de Graduação em Educação
Física - Bacharelado da Escola de Educação
Física da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva Cardoso

Porto Alegre

2012/

**PROPOSIÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES PARA AVALIAR AS HABILIDADES
TÉCNICAS EM JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL**
Filipe Mattos Martins

RESUMO

No futebol as habilidades motoras e as capacidades condicionais são trabalhadas desde a iniciação esportiva. A velocidade e agilidade são imprescindíveis na execução dos fundamentos, devido à realização de trocas rápidas de direção, sentido e deslocamento da altura do centro de gravidade de todo o corpo ou parte dele. Dessa forma, destacamos a importância em avaliar a agilidade na fase da iniciação esportiva, para descrever o desempenho nessa etapa de formação esportiva e assim monitorar o progresso do treinamento e a influência nessa variável. Os objetivos do estudo foram: Geral - Verificar a validade, objetividade e reprodutibilidade da bateria de testes propostas para avaliar as habilidades técnicas específicas do futebol. Específicos - Caracterizar e descrever o nível dos atletas quanto às habilidades técnicas específicas do futebol; - Medir o desempenho dos atletas nos testes de habilidade técnica (condução de bola) e realizar comparações entre as posições desempenhadas na equipe. A amostra do estudo foi composta por 77 atletas das categorias sub 11 e sub 12 do sexo masculino de um clube competitivo da cidade de Porto Alegre. Para a realização do estudo os atletas de ambas as categorias foram divididos por suas posições de jogo (zagueiro, lateral, meio-campo e atacante). Instrumentos de avaliação - Bateria de testes técnicos específicos no futebol – condução de bola: Condução de bola em velocidade em linha reta; Condução de bola em velocidade em uma trajetória sinuosa (slalom1); Condução de bola em velocidade em uma trajetória com mudança na direção (slalom2); Condução de bola em velocidade no quadrado de agilidade proposto na bateria de testes do PROESP-BR. Em todos os testes o critério de avaliação foi o tempo para realização do teste, melhor tempo nas avaliações. Na análise para verificar a validade de conteúdo recorreremos ao índice de concordância de *Kappa* aplicado as respostas do questionário respondido pelos experts. Para testar a reprodutibilidade adotamos o coeficiente de correlação intraclasse e o *Alpha Cronbach's*. A objetividade foi verificada pelo coeficiente de correlação de Pearson. Para comparar os valores médios nos testes de habilidade por posição, empregamos a análise de covariância (ANCOVA). O software utilizado será o programa SPSS 18.0, e o nível de significância mantido em 0,05. Na realização do estudo foram respeitados todos os procedimentos éticos exigidos. Resultados: Encontramos uma associação significativa em todos os testes de condução de bola: condução retilínea (pré-teste $3,89 \pm 0,41$; pós-teste $3,87 \pm 0,40$; *Alpha*= 0,878; correlação intraclasse = 0,782; $p=0,000$); condução sinuosa (pré-teste $5,92 \pm 1,05$; pós-teste $5,86 \pm 1,02$; *Alpha*= 0,911; correlação intraclasse = 0,836; $p=0,000$); condução mudança de direção (pré-teste $14,08 \pm 1,27$; pós-teste $14,11 \pm 1,11$; *Alpha*= 0,877; correlação intraclasse = 0,781; $p=0,000$); condução agilidade (pré-teste $7,58 \pm 0,81$; pós-teste $7,34 \pm 0,77$; *Alpha*= 0,679; correlação intraclasse = 0,514; $p=0,000$). Conclusões: A bateria de teste proposta no estudo para avaliar a habilidade específica do futebol, agilidade na condução de bola, apresentou validade, objetividade e fidedignidade boa, permitindo sua utilização em outros estudos com atletas do futebol nessa etapa da formação esportiva.

Palavras-chave: habilidades técnicas, condução de bola, bateria de testes e futebol

LISTA DE FIGURAS

1	Figura 1- t critic two tails	31
2	Figura 2 – F critic two tails	32
3	Figura 3 – Teste de condução de bola retilínea	33
4	Figura 4 – Teste de condução de bola sinuosa (Slalom1)	34
5	Figura 5 – Teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2)	35
6	Figura 6 – Teste Condução de Bola no Quadrado de Agilidade (PROESP-BR)	36
7	Figura 7 – Valores médios e dispersão no pré e pós-teste das avaliações referente à habilidade de condução de bola no futebol	53
8	Figura 8– Valores médios e dispersão nas avaliações referente à habilidade de condução de bola no futebol por posição do jogador na equipe	62

LISTA DE QUADROS

1	Frequência e percentagens dos atletas por idade	40
2	Frequência e percentagens dos atletas por posição em cada idade	41
3	Parâmetro para seleção de testes <i>SAFRIT (1989)</i>	41
4	Escala de avaliação do índice Kappa (Landis e Koch, 1977)	42
5	Frequência de resposta nas questões do questionário	43
6	Resultado da concordância das respostas entre os experts avaliadas pelo Índice Kappa	43
7	Coeficiente de correlação entre os resultados de cronometragem nos testes de habilidade de condução de bola na situação pré e pós-teste	43
8	Parâmetro de referência para avaliar a consistência dos testes (<i>CRONBACH, 2004</i>)	45
9	Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução retilínea	45
10	Valor de <i>Alpha Cronbrach's</i> encontrado entre pré e pós-teste de condução retilínea	46
11	Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução retilínea	46
12	Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução retilínea	47
13	Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	47
14	Valor de <i>Alpha Cronbrach's</i> encontrado entre pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	48
15	Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	48
16	Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	49
17	Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução de bola com variação da direção (Slalom2)	49
18	Valor de <i>Alpha Cronbrach's</i> encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)	50
19	Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola com mudança de direção (Slalom2)	50

20	Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)	50
21	Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade	51
22	Valor de <i>Alpha Cronbrach's</i> encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade	51
23	Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade	52
24	Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade	52
25	Valores médios e desvios padrão no teste de condução retilínea por posição	54
26	Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução de bola retilínea	55
27	Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade	55
28	Valores médios e desvios padrão no teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	56
29	Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)	57
30	Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade	57
31	Valores médios e desvios padrão no teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)	58
32	Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)	58
33	Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade	59
34	Valores médios e desvios padrão no teste de condução da bola no quadrado de agilidade	60
35	Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução da bola no quadrado de agilidade	60
36	Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade	61

SUMÁRIO

1	Introdução	9
1.1	Problema de Pesquisa	12
1.2	Objetivo Geral	13
1.3	Objetivos Específicos	13
1.4	Justificativa	13
2	Revisão de Literatura	15
2.1	Formação Desportiva do Atleta de Futebol	15
2.2	A Tática no Processo de Formação no Futebol	16
2.3	Funções e Posicionamento Tático do Jogador de Futebol	17
2.4	Princípios Táticos do Futebol	18
2.5	Seleção Desportiva	20
2.6	Habilidades Motoras e Cognitivas	22
2.7	Habilidades Específicas do Futebol	22
2.8	Capacidades Motoras Básicas para o Futebol	24
2.9	Critérios de Avaliação no Futebol	26
2.10	Critérios de Validação	27
2.11	Validação por Conteúdo	28
3	Materiais e Métodos	30
3.1	Tipo de Estudo	30
3.2	Amostra	30
3.2.1	Critérios de Inclusão	30
3.2.2	Critérios de Exclusão	30
3.2.3	Cálculo Amostral	31
3.3	Instrumentos de Avaliação	32
3.3.1	Bateria de Testes Técnicos Específicos no Futebol – Condução de bola	32
3.4	Validade de Conteúdo do Instrumento	36
3.5	Procedimentos de Coleta dos Dados	37
3.6	Tratamento dos Dados	37
3.7	Procedimentos Éticos	38
3.7.1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	38
3.7.2	Termo de Autorização Institucional	38

4	Apresentação e Discussão dos Resultados	40
4.1	Caracterizações da Amostra	40
4.2	Análise da Validade de Conteúdo	42
4.3	Análise da Objetividade	43
4.4	Análise da Reprodutibilidade (Fidedignidade)	44
4.5	Análise das comparações por posição controlando o efeito da idade	54
4.6	Conclusões	64
5	Referências	66
6	Anexos	73
	Anexo 1 – Ficha de Avaliação	73
	Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	74
	Anexo 3 – Termos de Autorização da Instituição	76
	Anexo 4 – Questionário Enviado a Comissão Julgadora	77

1 INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do mundo, pela sua facilidade de prática, por sua capacidade integrativa e principalmente por fazer parte da cultura de diferentes povos.

Devido a sua relevância social vem sendo alvo de diversos estudos, na tentativa de se estabelecer o perfil de jogadores de diferentes categorias e níveis competitivos (SILVA, et al, 2006). O crescimento de escolinhas de futebol tem propiciado as crianças e adolescentes um início supervisionado na sua atividade esportiva. O ponto positivo dessa iniciação cedo é o desenvolvimento das habilidades motoras e da evolução da técnica, importantes para sua carreira esportiva no futebol (SANTOS, 1979).

O futebol apesar de ser um esporte em que há uma exigência das capacidades condicionais as habilidades técnicas e táticas desempenha um papel fundamental no jogo. A frequência e a qualidade da prática habitual estimula o desenvolvimento dessas habilidades para que os jovens aumentem seus potenciais como jogador de futebol (CORREA, 2002).

Identificar o potencial futebolístico em idades baixas assegura a esses jogadores o acesso a formação especializada e o treinamento para acelerar o processo de desenvolvimento do talento (WILLIAMS, 2000; FRANKS, 2002).

Os desportos coletivos, nos quais se inclui o futebol, são de natureza complexa destacando-se a contribuição de variáveis antropométricas, físicas, fisiológicas, perceptivas e técnicas para o alcance de elevadas performances (HOARE, 2000).

Dentro dessa complexidade estão compreendidas as exigências das capacidades condicionais, como velocidade, resistência, flexibilidade, força explosiva e de resistência e agilidade. Sem esquecer-se das exigências técnicas e táticas, do perfil psicológico e da capacidade de decisão, específicas da modalidade.

A exigência atribuída aos jogadores profissionais de futebol remete a um domínio dos principais fundamentos técnicos, uma compreensão e conhecimento da tática e uma boa condição física. As tarefas de jogo devem ser executadas no menor tempo possível, com objetividade e sem perder o equilíbrio e a atenção (SILVA, 2002).

Essas habilidades motoras são influenciadas por fatores psicológicos, fisiológicos e ambientais e o controle motor é responsável pelos movimentos dos atletas. O que nos permite observar e avaliar como é adquirido, desenvolvido, planejado e executado o controle motor (MAGILL, 2001; MIKHEEV, et al, 2002; SHUMWAY & WOOLLACOTT, 2003; TANI, 2005).

As alterações produzidas pelo aprendizado no comportamento individual decorrem da interação da experiência, da educação e do treinamento com processos biológicos (GALLAHUE E OZMUN, 2001).

No entanto, Tani (1998) assinala que a aprendizagem de habilidades específicas esportivas possibilita o desenvolvimento de capacidades como antecipação, atenção seletiva, percepção, programação de ação, organização do movimento, detecção e correção de erro, timing, mudança de ações e assim por diante, tão importantes não só para as habilidades desportivas, mas também para a vida das pessoas.

Os estudos sobre o futebol descrevem que o futebol caracteriza-se por ações motoras intermitentes de curta duração e alta intensidade, alternadas com períodos de ações motoras de maior duração e menor intensidade (ANASTASIADIS, et al., 2004; REILLY, 1997). Em média, durante uma partida de futebol é realizado um sprint a cada dois minutos com uma duração de quatro segundos (REILLY & THOMAS, 1976).

Wisloff, et al. (1998) demonstram como características do jogo corridas curtas, rápida aceleração ou desaceleração, giros, saltos, contatos físicos e mudanças de direção.

Ladewig (2000) esclarece que as habilidades para o futebol apresentam movimentos fundamentais de manipulação como as seguintes técnicas individuais: chute, passe, recepção, drible, condução de bola, entre outros.

Dentre as habilidades requeridas no futebol destacam-se a velocidade e agilidade na execução dos fundamentos, devido a realização de trocas rápidas de direção, sentido e deslocamento da altura do centro de gravidade de todo o corpo ou parte dele.

Baumgartner e Jackson (1995), Johnson e Nelson (1979), Stanziola e Prado (1982) definem a agilidade como a capacidade de mudar rapidamente a direção do corpo ou de suas partes. O principal objetivo é mudar de direção sem perda de velocidade, força, equilíbrio ou controle do corpo, o que exige uma boa coordenação motora e uma mobilização dos grandes grupos musculares

(THIESS, et al, 1980 apud GORGATTI 2003 p.42). Greco e Benda (1998) referem que as capacidades coordenativas de diferenciação, ritmo e equilíbrio apresentam uma relação com a agilidade.

Há um consenso na literatura que a capacidade coordenativa sofre adaptações devido a uma nova percepção do meio ou das condições externas, de modo a completar este movimento de outra forma (WEINECK, 1991).

Os estudos demonstram uma forte relação entre as capacidades motoras coordenativas e as condicionais, a agilidade também depende em muito para sua melhora do aprimoramento de fatores como força rápida e a velocidade de deslocamento (SALE, 1991).

Dessa forma, destacamos a importância em avaliar a agilidade na fase da iniciação esportiva, para descrever o desempenho nessa etapa de formação esportiva e assim monitorar o progresso do treinamento e a influencia nessa variável.

Para Scaglia (2003) deve ser dada uma importância maior a aquisição de um considerável acervo motor em todas as idades. Oportunizando a criança a possibilidade de realizar vários movimentos, tendo controle sobre eles, em variadas situações e não apenas em uma especificamente.

Por isso, os testes assumem um papel importante no processo de ensino ou de treinamento no futebol, são ferramentas que permitem conhecer a evolução dos sujeitos, o grau de proximidade dos objetivos propostos, bem como o nível de qualidade que cada indivíduo apresenta (TORRELLES E ALCARAZ, 2003).

Observamos que no âmbito do futebol, a utilização de testes para avaliar a condição técnica ou tática não ocorre de forma generalizada, por não existirem testes específicos para modalidade normatizados e empregados em grande escala. A falta de referências específicas que sirvam de parâmetros comparativos dificulta o processo de relação direta com as necessidades próprias do jogador de futebol.

Atualmente os conhecimentos desenvolvidos na área do ensino, do treino e do rendimento dos atletas, realizadas em estudos científicos, apresentam metodologias e instrumentos diversificados. Esse fato se reflete na dificuldade encontrada pelos pesquisadores da área e treinadores em definir instrumentos capazes de trazer informações relevantes que possam ser utilizados na identificação de potenciais e na seleção de crianças e jovens para o esporte.

A forma de avaliação adotada pelos clubes brasileiros não apresenta critérios fidedignos, ao contrário, essas instituições adotam testes com critérios diversificados e sem um padrão confiável de avaliação. Alguns se baseiam mais nas capacidades condicionais e outros mais nas habilidades técnico-táticas. Entretanto, o que mais dificulta este processo é uma abordagem uniforme destes resultados, desconsiderando assim a complexidade da exigência da modalidade.

A determinação do perfil físico não é capaz, isoladamente de diagnosticar possíveis jovens com altas habilidades técnicas que possivelmente virariam a se tornar jogadores de elite no futebol. Essas informações apenas nos fornecem uma pequena probabilidade de encontrarmos, no futuro, algum jovem que se sobressaia como jogador de futebol, visto que tal determinação é praticamente comum a prática de alto nível.

Já as observações técnicas realizadas nos pequenos jogos popularmente conhecidos como peneiras, necessitam de alguma validação, alguns critérios referentes à autenticidade científica necessitam ser atendidos, tais como, validade, objetividade e fidedignidade.

A validade de um instrumento de medida é definida como a determinação do grau em que o teste mede aquilo que se propõe a medir. A objetividade de um instrumento de medida trata-se do grau em que se espera consistência dos resultados, quando o teste é aplicado ou anotado simultaneamente por diferentes avaliadores nos mesmos sujeitos. E a fidedignidade de um instrumento de medida, é o grau em que se espera que os resultados sejam consistentes ou reprodutivos, quando examinados pelo mesmo observador em dias diferentes, geralmente próximos entre si (KISS, 1987)

Diante desse quadro, o objetivo geral do presente estudo é propor e verificar a autenticidade científica (validade de conteúdo e reprodutibilidade) de um conjunto de testes para avaliar as habilidades técnicas específicas do futebol.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA:

Será que a bateria de teste proposta para avaliação de habilidades técnicas específicas do futebol apresenta validade e fidedignidade?

1.2 OBJETIVO GERAL

Verificar a validade, objetividade e reprodutibilidade da bateria de testes propostas para avaliar as habilidades técnicas específicas do futebol.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar e descrever o nível dos atletas quanto as habilidades técnicas específicas do futebol (condução de bola).

- Medir o desempenho dos atletas nos testes de habilidade técnica (condução de bola) e realizar comparações entre as posição desempenhada na equipe.

1.4 JUSTIFICATIVA

A avaliação do desempenho esportivo demanda uma utilização de testes validos, fidedignos capazes de serem utilizados em outros estudos ou amostras diferentes e proporcionarem comparações. Os estudos que tem por objetivo identificar variáveis que demarquem o desempenho de atletas em diferentes etapas da sua formação e que possam ser utilizados na prospecção de jovens talentos no futebol são de grande relevância para área. Nas etapas iniciais da formação dos jovens atletas o desenvolvimento motor e a aprendizagem motora desempenham um papel fundamental para a aprendizagem e consolidação das ações de jogo. A aprendizagem de uma habilidade técnica depende de vários fatores: da maturação do sistema nervoso central, da qualidade e da frequência de estimulação e principalmente, de uma formação diversificada e multilateral. Somente desta forma poderemos garantir uma formação motora rica e ampla, necessária para fazer cumprir com as exigências de uma etapa posterior à especialização aprofundada nos fundamentos técnicos e nas capacidades condicionais. Por isso, a necessidade de termos testes validos e fidedignos para avaliar as habilidades técnicas do futebol. Desta forma, podemos desenvolver testes que possam normatizar procedimentos de avaliação e analisar padrões de desempenho na variável condução de bola. Essa estratégia metodológica

facilitaria tanto na configuração de perfis de cada posição como também na comparação e acompanhamento do desenvolvimento do desempenho dos atletas de futebol.

O desenvolvimento de parâmetros de avaliação na modalidade pode ajudar na correção de programas de treino, e de novos planejamentos adequados a diferentes fases de treinamento e ao desenvolvimento das habilidades técnicas específicas do futebol. Podendo assim, ser reproduzidos por outros profissionais da área do futebol.

A relevância do estudo passa por entender os fatores relacionados ao desempenho dos atletas em campo, contribuindo para a atuação de jogadores, psicólogos, técnicos, e demais profissionais da área esportiva. É fundamental desenvolver e validar instrumentos de avaliação no âmbito do esporte, fazendo com que os testes sejam instrumentos metodologicamente válidos no contexto do esporte, buscando assim que os mesmos sejam capazes de maximizar o desempenho das habilidades técnicas, possibilitando o seu mapeamento e, finalmente, proceder ao seu desenvolvimento e as devidas correções.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Formação Desportiva do Atleta de Futebol

O processo de formação do jogador de futebol em nosso país encontra-se estruturado dividido por categorias, em que cada etapa tem suas especificidades quanto ao processo de treinamento e sistema de competição. A primeira categoria onde se define um quadro formal de competição é na categoria Pré-Mirim (10 e 11 anos), seguido pela Mirim (12 e 13 anos), Infantil (14 e 15 anos), Juvenil (16 e 17 anos) e Junior (18 e 19 anos). A partir dos 20 anos o atleta já ingressa na categoria profissional.

Lima (1998) apud Pinho (2010), refere que a iniciação desportiva deve ser dirigida a crianças que se situam entre os 6 e os 12 anos de idade, enquanto que Bompa (2002), defende os 6-9 anos como um período de aquisição das habilidades motoras que permitam a “apropriação e conhecimento consciente do próprio corpo”. Pacheco (2001), refere que a “etapa de iniciação desportiva (6-12 anos), se assume como a melhor etapa em termos de aprendizagem, sendo assim considerada a idade de ouro da aprendizagem”.

Uma multiplicidade de características biológicas e comportamentais são essenciais para o sucesso na formação desportiva do futebolista: tamanho, composição corporal, capacidade aeróbia e anaeróbia, velocidade, agilidade, potência, habilidades como o controle de bola, o passe e o remate, habilidades cognitivas relacionadas com a antecipação e a capacidade de visão, habilidades psicológicas como a cooperação e a atenção (WILLIAMS & REILLY, 2000 apud PINHO, 2010).

A problemática da formação desportiva nacional encontra-se longe de uma resolução adequada. A organização dos quadros competitivos, a importância desmedida dada à competição, onde mesmo em idades mais baixas os pais e agentes desportivos despontam na maioria das vezes um grau de exigência progressivamente acentuado, conduzindo inevitavelmente a uma especialização precoce e a elevados níveis de ansiedade nas crianças (PACHECO, 2001). Adicionalmente, a aptidão que os indivíduos maturacionalmente adiantados

apresentam em determinadas alturas da formação desportiva, não deverá importar em demasia, sob pena de hipotecarmos o futuro desportivo dos atletas (BAXTER-JONES, 1995; HELSEN, STARKES & WINCKEL, 2000; COELHO E SILVA, 2004, apud PINHO, 2010).

2.2 A Tática no Processo de Formação no Futebol:

Podemos definir tática, baseando-se em Ferreira e Caliman (2006) como a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe a qual está organizada numa forma racional dentro dos limites do regulamento e da desportividade e cujo objetivo é conseguir a vitória levando em conta, por um lado às qualidades particulares dos atletas, e por outro as condições dos adversários.

Segundo Weineck (1991) a tática é o comportamento racional, baseado na capacidade de “performance” própria e adversa e nas condições exteriores em confronto individual ou coletivo

Com relação aos termos, Tática e Sistema de Jogo, nota-se que nos esportes coletivos, principalmente o futebol, são utilizados assumindo significados semelhantes, entretanto, Ferreira e Caliman (2006) preconiza que embora semelhantes tática e sistema de jogo apresentam características práticas diferentes entre si. A tática futebolística pode ser definida segundo Viana (1981) apud Ferreira e Caliman (2006) como uma forma planejada de forma racional, a fim de se tirar proveito de situações favoráveis para neutralizar o adversário para conseguir a vitória. Sistema de jogo, segundo o autor acima, seria a forma pré-determinada de atuação de uma equipe, com distribuição coesa dos jogadores no campo, obedecendo as formas de atuação de cada atleta.

Para Paoli (2000) quanto à divisão da tática, estabelece uma divisão na consideração da tática, baseada na característica e função do atleta. Entende-se por característica as ações do atleta do tipo individual, de grupo e de equipe; e por função as ações do atleta na situação de defesa ou ataque.

Com relação à função exercida pelo jogador, Greco (1998) apresenta um exemplo de divisão da tática nos esportes coletivos. Refereindo-se à função, a

definição de ataque ou defesa está determinada pela posse ou não da bola sendo que, a possibilidade de perda ou ganho desta já estaria caracterizando a ação de ataque ou defesa.

Com relação a característica, Greco (1992) distingue três tipos de ações táticas diferentes, que podem ser isoladas ou relacionadas:

Tática Individual: definida como o comportamento de um jogador que efetua uma ação com um objetivo determinado. Esta ação deverá ser uma execução de uma técnica aplicada em cada situação de jogo com um objetivo pessoal específico e bem definido, ou seja, a tomada de decisão para a escolha de uma determinada técnica dentro do seu repertório de movimentos com a finalidade de obter uma vantagem no jogo;

Tática de Grupo: são ações e encadeamentos de comportamentos estabelecidos, conforme o esporte de dois ou três jogadores, utilizando diferentes técnicas individuais como meio para chegar a obter uma vantagem;

Tática Coletiva: sucessão simultânea de três ou mais jogadores, estabelecidos previamente em forma de “conceitos” conforme um determinado plano de ação, que respeitando as regras do jogo, permite todas as possíveis respostas do adversário e submetê-las a própria intenção.

2.3 Funções e Posicionamento Tático do Jogador de Futebol

De acordo com Brunoro (1997) a maioria dos treinadores tem esquema tático de acordo com as características dos atletas que compõem seu grupo. Todos os técnicos possuem formas diferentes de posicionar os jogadores dentro de campo. Alguns têm o costume de deslocar um jogador de sua posição de origem para desempenhar um trabalho específico em uma determinada partida. Porém, dificilmente um esquema de jogo é alterado por causa de time adversário. O que acontece em função do adversário são alterações dos jogadores que ficarão a disposição do técnico no banco de reservas.

Ainda em conformidade com Brunoro (1997) os treinadores possuem dados de atletas e times. O papel do auxiliar técnico é registrar tudo aquilo que acontece nos jogos, criando uma estatística completa do adversário e o seu. O treinador pode mudar uma partida com os dados que ele dispõe da equipe adversária, porque é em cima de um detalhe previamente estudado que se busca a vitória. Durante os treinos, já antecipa o que pretende realizar na partida, preparando o atleta para executar determinada função caso seja necessário atletas no esquema estratégico do time. A estratégia do time pode ser alterada em função de um setor do time adversário que esteja muito forte ou muito fraco.

O quadro a seguir mostra as características prioritárias na formação de uma equipe de futebol. Este quadro foi elaborado por Carraveta (2001) no intuito de mostrar como é feita a triagem de observação de atletas para a seleção de jogadores para formação nas categorias de base:

Goleiros – altura, envergadura, dimensão da palma da mão e atitude.

Zagueiros – estatura, imposição funcional, desarme, capacidade de recuperação e antecipação.

Laterais – velocidade, desarme, saída com a bola e capacidade cognitiva.

Volantes – força, desarme, habilidade, capacidade de lançamento e capacidade de marcação.

Meias – criatividade, habilidade, domínio técnico, drible e finalização.

Atacantes – habilidade, velocidade, drible e finalização.

Atacantes de área – estatura, imposição funcional e finalização.

2.4 Princípios Táticos do Futebol:

No Futebol, as capacidades táticas e os processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão são considerados requisitos essenciais para a excelência do desempenho esportivo. Durante uma partida surgem inúmeras situações cuja sequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas, exigindo uma elevada capacidade de adaptação e de resposta imediata por parte dos jogadores e das equipes a partir das noções de oposição presentes em cada fase de jogo (GARGANTA, 1997).

Essas situações de oposição são tão evidentes no jogo de Futebol que se pode perceber a tática pela organização espacial dos jogadores no campo face às circunstâncias da partida relativa às movimentações da bola e às alternativas de

ação, tanto dos companheiros como dos adversários (DUPRAT, 2007, APUD COSTA, 2009). Essa forma de compreensão da tática confere um destaque especial para as movimentações e posicionamento no campo deixando perceber a capacidade do jogador para ocupar e/ou criar espaços livres em função dos princípios táticos adequados para o momento. Definem-se princípios táticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos da situação que defrontam (GARGANTA; PINTO, 1994).

Por possuírem esse caráter, os princípios táticos precisam ser subentendidos e estar presentes nos comportamentos dos jogadores durante uma partida, para que sua aplicação facilite atingir objetivos que conduzem à marcação de um gol ou ao seu impedimento. Coletivamente, a aplicação dos princípios táticos auxilia a equipe no melhor controle do jogo, a manter a posse de bola, a realizar variações na sua circulação, a alterar o ritmo de jogo, e a concretizar ações táticas visando romper o equilíbrio da equipe adversária e, conseqüentemente, a alcançar mais facilmente o gol (COSTA, 2009). Por isso, quanto mais ajustada e qualificada for a aplicação dos princípios táticos durante o jogo, melhor poderá ser o desempenho da equipe ou do jogador na partida.

O futebol tem na sua essência quatro momentos que estão presentes em qualquer partida que seja disputada e que independem do nível, local ou idade dos praticantes (desde níveis de formação até jogadores profissionais) envolvidos: defesa, transição defesa – ataque, ataque e transição ataque – defesa. A natureza complexa e não linear do jogo não permite que seja prevista a ordem em que esses quatro momentos irão ocorrer, fazendo com que cada partida possua uma linha de progressão única que vai se desenhando de acordo com as respostas coletivas das equipes e individuais dos jogadores aos estímulos do jogo. Essa afirmação vem ao encontro do que escreveu o professor Zago (2010) “não há nada mais construído que o jogar. O jogar não é um fenômeno natural, mas construído”.

Ou seja, se o jogo vai sendo construído, e os dois momentos de transição são inerentes a ele, temos a possibilidade de preparar nossa equipe durante o processo de treinamento para realizá-las da forma como considerarmos mais adequado. Para Zago, 2010 apud Amiero 2005 “treinar é fabricar o jogar que se pretende”. E para se treinar as transições defensivas e ofensivas são necessários

princípios de jogo bem estabelecidos. Quando recupera a bola, a equipe deve saber se é o momento de contra atacar, tirar simplesmente a bola da zona depressão ou alternar entre ambos de acordo com o comportamento do adversário. Ao perder a bola, devem-se definir referências para pressionar o portador da bola rapidamente, reorganizar-se em linhas mais recuadas ou coordenar as duas respostas numa análise rápida da situação que o jogo está propondo.

2.5 Seleção Desportiva:

A seleção desportiva, enquanto juízo sobre o estado de desenvolvimento e/ou potencial de aperfeiçoamento, de fatores de excelência efetuado em praticantes desportivos, Hohmann & Seidel, 2003 apud Pinho, (2010) é utilizada essencial para definir e estabelecer grupos teoricamente predispostos para programas de preparação mais exigentes e ambiciosos. No entanto, à medida que as modalidades se tornam cada vez mais competitivas e especializadas, a detecção e seleção de talentos desportivos, tende a ocorrer em idades cada vez mais jovens, inclusive acarretando em alguns possíveis erros de detecção, ou seja, identificando talentos que muitas vezes não podem ser considerados talentos.

O Futebol, enquanto modalidade de contato é uma modalidade seletiva, onde muitas das crianças talentosas podem ser ignoradas simplesmente porque nasceram demasiadamente tarde no ano de seleção, são fisicamente menos impressionantes, e conseqüentemente são menos apropriadas para obter sucesso na modalidade (BAXTER-JONES, 1995; HELSEN, 2000; apud PINHO, 2010).

Existe um domínio claro dos rapazes maturacionalmente avançados, na maioria das modalidades entre os 13 e os 16 anos de idade, segundo Malina (2004) o que muitas vezes se associa ao fato de que a força aumenta linearmente com a idade até aos 13/14 anos, existindo a partir daí uma aceleração no seu desenvolvimento (Beunen, 2001; Malina, 2005). Em um estudo realizado com jovens futebolistas portugueses de elite, avaliaram a estatura, massa corporal e a maturação esquelética (método FELS) de atletas pertencentes ao escalão de infantis (n=63), iniciados (n=29) e juvenis (n=43), procurando saber se os jovens

avançados maturacionalmente tendem a ter maior sucesso na modalidade de futebol, durante a adolescência. Se na categoria de infantis os jovens apresentavam uma idade cronológica semelhante à idade óssea, a partir dos 13 anos, a existência de atletas com idades ósseas superiores à idade cronológica era muito superior.

As diferenças existentes entre os atletas maturacionalmente adiantados e atrasados levam a que, na grande maioria das vezes, o processo de seleção desportiva seja “adulterado” pelas características físicas dos atletas. Perante esta situação, e segundo Marques (1991) defende-se que a formação de jogadores de futebol, seja organizada e orientada pelos treinadores mais competentes, contrariando a tendência generalista, que coloca o menos capacitado, nos escalões etários mais baixos. Muitos dos treinadores necessitam de capacidades e experiências para perceber todas as mudanças associadas a adolescência e as suas implicações, sendo complicado agregar a influência específica de um processo de treino regular.

Figueiredo (2001) num estudo desenvolvido com 12 treinadores de futebol, e com jovens atletas (n=66) pertencentes às categorias de mirins de 1º ano (n=14), mirins de 2º ano (n=15), infantis de 1º ano (n=18) e infantis de 2º ano (n=19), concluiu que todos os treinadores reconhecem a existência de diferenças entre os mirins de 1º e 2º anos, e 58,3%, e afirmaram que estas não exercem qualquer influência nas suas opções para o jogo. Contudo, e analisadas as fichas de jogo, constatou-se que o número de iniciados de 1º ano na ficha de jogo e no onze inicial é de 29,2% e 23,5% respectivamente. Os treinadores elegem também a estatura, a massa corporal, a força, a velocidade e resistência entre os itens onde essas diferenças são mais notórias.

Philippaerts (2006) apud Pinho (2010), sugerem que os treinadores devem ter consciência das características individuais dos atletas, durante o salto pubertário, e a carga de treino deverá ser individualizada, respeitando as etapas de crescimento do jovem atleta.

2.6 Habilidades Motoras e Cognitivas

Quando assistimos a uma partida de futebol é possível observar que as condições de jogo mudam constantemente em função da bola e dos jogadores, e para cada situação de jogo o jogador deve buscar decidir rapidamente que movimento realizar, além de executá-lo com perfeição.

No futebol podem ocorrer situações em que o jogador toma decisões corretas, porém não realiza com precisão as habilidades motoras, assim como podem existir situações em que o jogador possui dificuldades no processo de tomada de decisão, mas possui habilidades motoras apuradas. Estas duas situações causam dificuldades para atingir o objetivo, que é fazer o gol. Portanto, o êxito no futebol depende da integração das habilidades motoras e cognitivas.

Conforme Singer (1986) apud Soto (2000), uma habilidade motora “é toda aquela ação muscular ou movimento do corpo requerido para a execução com êxito de um ato desejado”, de forma consciente. Já a habilidade cognitiva é definida por Host (1991) apud Bianco (1999, p. 113) como “aqueles processos de reconhecimento, elaboração e memorização das informações”.

As habilidades motoras e cognitivas constituem um dos alicerces da competência motora. Esta competência, segundo Peres (1994) refere-se à capacidade do indivíduo de resolver problemas, enfrentar situações, organizar, planejar, transformar o meio, sentir-se competente, ter conhecimento dos processos e atitudes adaptando-os a situação presente.

Todas as habilidades motoras exercidas pelo jogador de futebol são coordenadas, portanto, em função de controlar a bola na medida exata de suas necessidades de estabelecer, através dela, relações com os outros, relações que podem ser de companheirismo ou oposição.

2.7 Habilidades Específicas do Futebol

Segundo Freire (2003) são quatro as habilidades gerais do futebol: Habilidades individuais; Habilidades coletivas de oposição; Habilidades coletivas de cooperação; e Habilidades cognitivas de integração.

- **Habilidades individuais:**

- Finalização: é o ato de golpear a bola, desviando ou dando trajetória à mesma, estando ela parada ou em movimento.

- Condução de bola: é o ato de deslocar-se pelos espaços possíveis do jogo, tendo consigo o passe de bola.

- Cabeceio: é o ato de impulsionar a bola utilizando a cabeça

- **Habilidades coletivas de oposição:**

- Drible: é o ato que o jogador, estando em posse da bola, tenta ludibriar o seu adversário.

- Desarme: é o ato de recuperar a bola que encontrasse de posse do adversário.

- **Habilidades coletivas de cooperação:**

- Passe: é um elemento técnico inerente ao fundamento chute, que se caracteriza pelo ato de impulsionar a bola para um companheiro.

- Cruzamento: é o ato de realizar o passe aéreo para dentro da grande aérea buscando a finalização de algum companheiro.

- Lançamento: é uma variação do passe, quando realizamos um passe de longa distancia, caracteriza-se como um lançamento

- **Habilidades cognitivas de integração:** constituídas pela habilidade de compreender o jogo como um todo, tornando o jogador capaz de antecipar jogadas, de criar hipóteses de jogo, de analisar o jogo, de aplicar planos táticos.

Freire (2003) alega que a partir das habilidades gerais, desenvolvem-se as habilidades específicas do futebol. As habilidades específicas do futebol são as seguintes: finalização, passe, controle de bola, condução, desarme, drible, lançamento, cruzamento, cabeceio, habilidades do goleiro e todas elas requerem de capacidades motoras básicas para seu bom desenvolvimento. Abaixo as

habilidades específicas citadas por Freire (2003) com suas respectivas capacidades motoras básicas.

- **Finalização:** equilíbrio, motricidade fina, força de chute, velocidade de chute.
- **Passe:** equilíbrio, motricidade fina, força de chute, cooperação.
- **Controle de bola:** equilíbrio, motricidade fina, noção do próprio corpo.
- **Condução de bola:** equilíbrio, agilidade, velocidade de deslocamento.
- **Desarme:** força geral, velocidade de reação, equilíbrio, agilidade, motricidade fina, noção do próprio corpo.
- **Drible:** agilidade, equilíbrio, motricidade fina, noção do próprio corpo, velocidade de reação.
- **Lançamento:** motricidade fina, força de chute, equilíbrio.
- **Cruzamento:** força de chute, equilíbrio, motricidade fina.
- **Cabeceio:** força de salto vertical, noção do próprio corpo.
- **Habilidades do Goleiro:** velocidade de reação, agilidade, força de salto vertical, força de salto horizontal, motricidade fina, noção do próprio corpo, força geral.

2.8 Capacidades Motoras Básicas para o Futebol

Quanto às capacidades motoras, diversas delas são fundamentais para o futebol, pois aparecem no exercício de todas as habilidades específicas. As capacidades a seguir relatadas foram mencionadas por Freire (2003) e algumas delas são derivadas de outras mais gerais, porém, neste caso, aplicam-se diretamente para o futebol.

- **Equilíbrio:** quem joga futebol deve conseguir uma adaptação suficiente para se manter equilibrado nas diversas situações do jogo. O equilíbrio depende de várias outras capacidades, mas, sem dúvida alguma, tem muito a ver com a noção do próprio corpo que o jogador possa ter.
- **Motricidade Fina:** responsável pela sutileza na aplicação das habilidades, é responsável pela “arte-final” na execução das jogadas. Define a maior ou menor eficiência em cada jogada. A motricidade fina é uma modalidade motora exercida pelas extremidades do corpo, no futebol, essa capacidade se manifesta nos gestos sutis das pontas dos pés, por exemplo, num passe muito preciso ou na cobrança de uma falta.

- **Velocidade de Reação:** as pessoas costumam chamar de reflexo a velocidade de movimentos do goleiro para defender uma bola. No entanto, o que o goleiro faz, em certas situações, é reagir com extrema velocidade, interceptando a bola antes que ela ultrapasse a linha do gol. A mesma capacidade é solicitada com frequência ao defensor quando do desarme, ou ao atacante quando ele tenta o drible ou a finalização.

- **Força de Chute:** não basta chutar com boa técnica. Para ser eficiente, em muitas situações, especialmente nas finalizações, o chute tem que ser forte. Quanto maior for a força de chute, capacidade derivada de outras capacidades de força, mais se pode chutar sem perder em eficiência.

- **Velocidade de Chute:** os movimentos corretos devem ser aplicados com força e velocidade. Estas duas capacidades, combinadas, resultam no ato explosivo de um chute forte, para finalizar, lançar ou cruzar. É importante também está combinação para o cabeceio.

Velocidade de Deslocamento: no futebol é importante ser veloz em deslocamentos curtos, ou seja, ser capaz de percorrer trechos curtos com muita velocidade. O jogador de futebol terá que correr inúmeras vezes espaços como 10, 20, 30 metros durante o jogo, mudando de direção e sofrendo empurrões dos adversários.

- **Agilidade:** no futebol o jogador tem poucas possibilidades de correr em linha reta; na maioria das vezes, tem que desviar de obstáculos. Portanto, sua corrida é uma corrida sinuosa. De posse de bola, o jogador tem que se deslocar com velocidade, mudando rapidamente de direção para enganar o adversário. Essa capacidade de se deslocar em velocidade, mudando rapidamente de direção, é chamada de agilidade.

- **Força Geral:** no futebol atual, o atleta deve ser, de modo geral, bastante forte. É um esporte de contato, em que as jogadas são decididas não só com os pés, mas pelo confronto de força de todo o corpo. Somente os jogadores extremamente habilidosos conseguem compensar as dificuldades de um corpo muito franzino.

- **Força de Salto Vertical:** saltar muito alto é fundamental para atacar e defender. No futebol, as jogadas aéreas são frequência. Os atacantes com boa impulsão vertical têm mais chances de marcar gols de cabeça. Os goleiros com boa impulsão podem se aventurar a sair nas bolas altas e os defensores que sobem bastante guarnecem melhor a área.

• **Força de Salto Horizontal:** deslocar-se rapidamente em espaços pequenos, mudando bruscamente de direção, é a situação que mais ocorre no futebol. Isso exige que o jogador seja capaz de acelerar em curto espaço de tempo. A capacidade motora que está na base desse comportamento é a força de salto horizontal, ou seja, a capacidade de de impulsionar o corpo para a frente. Não há como acelerar rapidamente sem um bom nível de força de salta horizontal.

2.9 Critérios de Avaliação no Futebol

Segundo Torreles (2003), todos reconhecem a importância da utilização de testes em qualquer processo de ensino ou de treinamento. Eles são as ferramentas que permitem ao responsável por esse processo conhecer a evolução dos sujeitos que seguem seus ensinamentos, o grau de proximidade dos objetivos propostos, bem como o nível de qualidade que cada indivíduo apresenta.

Apesar disso, podemos afirmar que no âmbito do futebol, e em relação aos aspectos técnicos e táticos fundamentais, essa utilização não ocorre de forma generalizada. Para isso contribuem os seguintes fatores citados por Torreles (2003):

- Não existem testes específicos de futebol normalizados e utilizados em grande escala, ao contrário do que ocorre em outras especialidades ou aspectos do desporto.
- Não há pontos de referência específicos, aceitos pela maioria dos técnicos, para os comportamentos táticos e técnicos.
- Muitos dos testes genericamente aceitos que avaliam o grau de rendimento físico não mantêm uma relação direta com as necessidades próprias do jogador de futebol.

Por todas essas razões, Torreles (2003) relata que, quando um treinador de futebol, de qualquer nível ou categoria, planeja avaliar a evolução que seus jogadores estão apresentando, enfrenta graves problemas para encontrar testes que avaliem, de forma objetiva, a habilidade de um indivíduo como jogador de futebol.

As características específicas do futebol (como esporte global e complexo no que incidem, de forma relacionada, diversos aspectos – técnica, tática, capacidades físicas e condições psicológicas) dificultam ainda mais o fato de

determinar “objetivamente” esse nível de qualidade real e a projeção profissional de um jogador.

Portanto, Torreles (2003) acredita que se trata de uma situação a ser resolvida, visto que a utilização de uma bateria de testes normalizada, e com alto grau de aplicabilidade ao futebol, permite-nos obter, além dos benefícios próprios de qualquer teste, uma série de conclusões de grande utilidade:

1. Estabelecer níveis de qualidade para cada etapa de formação.
2. Objetivar os critérios a serem utilizados em um processo de seleção.
3. Objetivar o nível de qualidade global de cada um dos jogadores.

2.10 Critérios de Validação:

O conceito de validade de testes vem evoluindo no decorrer do tempo, sendo cada vez mais frequente a utilização de seus termos, critérios e exigências nos trabalhos científicos. Assim, validade pode ser definida como o grau em que todas as evidências acumuladas corroboram a interpretação pretendida dos escores de um teste para fins propostos (URBINA, 2007 apud SILVA, 2010).

Durante o processo avaliativo é muito importante que o professor de Educação Física utilize-se de instrumentos ou testes que o permitirão atingir seus objetivos com segurança e consistência. Para tanto é preciso respeitar os critérios de autenticidade científica. Entretanto, o complexo processo avaliativo é composto de conceitos distintos, como teste, medida e avaliação. (FERNANDES, 1999)

O professor de Educação Física, de posse destas definições, deve escolher com propriedade o teste, a fim de obter medidas precisas para, então, fazer profundas avaliações sobre dados específicos ou características de seus alunos. Para tanto, no processo de seleção ou construção dos testes, o professor deve obedecer aos critérios de autenticidade científica, evitando a utilização de instrumentos (testes) inadequados (FERNANDES, 1999).

Depois de determinar o porquê e o que medir ou testar devemos selecionar o melhor teste. Os testes selecionados deverão ter parâmetros aceitáveis para efetuar a tomada de decisão. Deve-se verificar sempre a validade, fidedignidade e objetividade dos testes propostos.

Segundo Rabelo (1999), durante o processo avaliativo é muito importante que o professor de educação física utilize-se de instrumentos ou testes que lhe permitirão atingir seus objetivos com segurança e consistência.

A validade indica se o teste mede aquilo que deve ou pretende medir, ou seja, é a segurança da interpretação dos resultados do teste. Sendo assim, o processo avaliativo é válido quando suas conclusões são corretas. É fidedigno quando seus resultados são replicáveis. Fidedignidade e validade são requisitos que se aplicam tanto ao delineamento quanto à mensuração da pesquisa de avaliação. No nível do delineamento do processo de avaliação são examinadas as conclusões, e a pergunta é se estão corretas e aplicáveis. No nível de mensuração são examinados os escores (resultados) ou observação, e a pergunta é se são precisos e replicáveis. (MORAIS, 2007 apud OLIVEIRA 2006).

A fidedignidade relaciona-se com a consistência ou repetição de uma observação, é o grau no qual as medidas repetidas da mesma variável são reproduzidas sob as mesmas condições e pelo mesmo sujeito em distintas ocasiões. A fidedignidade também pode ser descrita como consistência, segurança, estabilidade e precisão. Podemos dizer que um teste é fidedigno se alguém obtém o mesmo escore (ou aproximadamente o mesmo) cada vez que o teste lhe for administrado (MORROW; JAMES, 2003).

A objetividade é o grau de concordância com o qual vários indivíduos marcam os mesmos escores no teste, ou seja, é a ausência da influência do avaliador nos resultados do teste, que é expressa através de um coeficiente de correlação (FERNANDES, 1999). Ou seja, o mesmo teste pode ser administrado por vários avaliadores, ao mesmo grupo, mantendo-se a segurança e consistência das medidas. Se os sujeitos ocuparem as mesmas posições na escala de dois ou mais avaliadores, o teste tem objetividade.

2.11 Validação por Conteúdo

Uma pesquisa de avaliação possui validade de conteúdo quando identifica ou nomeia adequadamente as variáveis em estudo, estabelecendo definições conceituais e operacionais dos principais termos e variáveis do estudo, para que

se saiba exatamente o que se quer estudar, medir ou descrever (OLIVEIRA, 2006).

O ponto central da validade de conteúdo é a sua preocupação com a teoria. Não se trata, portanto, simplesmente de validar um teste, mas sim, de validar a teoria que dá sustentação ao teste (OLIVEIRA 2006). Este tipo de validade não pode ser definitivamente comprovado, mas ela é um contínuo processo de compreensão do conteúdo apresentado, onde por meio de diferentes testes, novas predições poderão ser feitas e deverão ser testadas (DUARTE, 2001 apud OLIVEIRA 2006)

A validade de conteúdo é considerada, segundo Pasquali (2003) a forma mais fundamental de validade dos instrumentos. Esta validade constitui a maneira direta de verificar a hipótese da legitimidade da representação comportamental do traço latente (SILVA, 2010).

A validade de conteúdo descreve em que grau os escores do teste medem o conteúdo hipotético. Ela usualmente é estabelecida pela relação entre os resultados do teste e determinado comportamento que foi avaliado (THOMAS, NELSON, 2002)

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Tipo de Estudo

O estudo é do tipo descritivo com abordagem comparativa, por demarcar características de determinado grupo e verificar relações de causa e efeito.

3.2 Amostra

A amostra do estudo será composta por atletas das categorias sub 11 e sub 12 do sexo masculino de um clube competitivo da cidade de Porto Alegre. Para a realização do estudo os atletas de ambas as categorias serão divididos por suas posições de jogo (zagueiro, lateral, meio-campo e atacante)

Os atletas serão selecionados de forma intencional a partir dos seguintes critérios adotados:

3.2.1 Critérios de Inclusão:

- 1- Pertencer ao grupo selecionado pelo treinador para competições principais
- 2- Apresentar um bom índice técnico definido pelo treinador da categoria.
- 3- Não apresentar nenhum tipo de lesão óssea, articular ou muscular e nem ter um histórico muito recente destes tipos de lesão.
- 4- Os atletas devem ter apresentado ao clube o atestado médico que autoriza a realização de atividades físicas.
- 5- Estar participando dos treinos e das competições da categoria.

Todos os atletas serão submetidos aos quatro testes de condução de bola propostos nesse estudo.

3.2.2 Critérios de Exclusão:

Dentre os critérios de exclusão do estudo, destaca-se: os atletas que atuam na posição de jogo definida como goleiro e atletas que não possuem um bom índice técnico definido pelo treinador da categoria. Em suma, atletas que não atendam aos critérios de inclusão.

3.2.3 Cálculo Amostral

Para definirmos o tamanho da amostra requerida em nosso estudo recorreremos ao método matemático adotando os seguintes critérios: assumimos um valor de efeito médio para relação entre as medidas de 0,5 (*Effect size w=0.5*); uma probabilidade de erro 5%, adotando um alfa de 0,05, erro tipo I (α *err prob*=0.05); um poder estatístico do teste de 90% (*Power (1- β err prob)*=0.90). No entanto, assumimos como valores de referencia nas comparações entre as posições controlando o efeito da idade (ANCOVA), um valor de efeito médio para relação entre as medidas de 0,4 (*Effect size w=0.4*); uma probabilidade de erro 5%, adotando um alfa de 0,05, erro tipo I (α *err prob*=0.05); um poder estatístico do teste de 80% (*Power (1- β err prob)*=0.80).

O software utilizado foi o G*Power 3.1.3. Dessa forma o tamanho da amostra ficou definido em 183 sujeitos (*Total sample size*= 64) conforme os resultados e as figuras 1 e 2 apresentados abaixo. Adotamos o n amostral maior para contemplar as análises do estudo.

t tests - Correlation: Point biserial model

Analysis:	A priori: Compute required sample size
Input:	Tail(s) = Two
	Effect size r = 0.5
	α err prob = 0.05
	Power (1- β err prob) = 0.90
Output:	Noncentrality parameter δ = 3.366502
	Critical t = 2.036933
	Df = 32
	Total sample size = 34
	Actual power = 0.903868

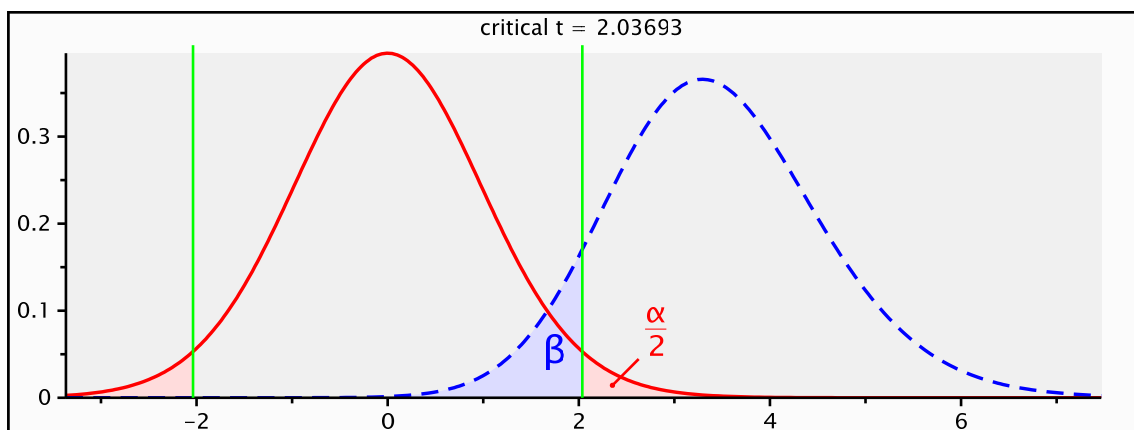


Figura 1- t critic two tails

F tests - ANCOVA: Fixed effects, main effects and interactions

Analysis:	A priori: Compute required sample size
Input:	Effect size f = 0.40

	α err prob	=	0.05
	Power ($1-\beta$ err prob)	=	0.80
	Numerator df	=	2
	Number of groups	=	4
	Number of covariates	=	1
Output:	Noncentrality parameter λ	=	10.2400000
	Critical F	=	3.1531233
	Denominator df	=	59
	Total sample size	=	64
	Actual power	=	0.8040623

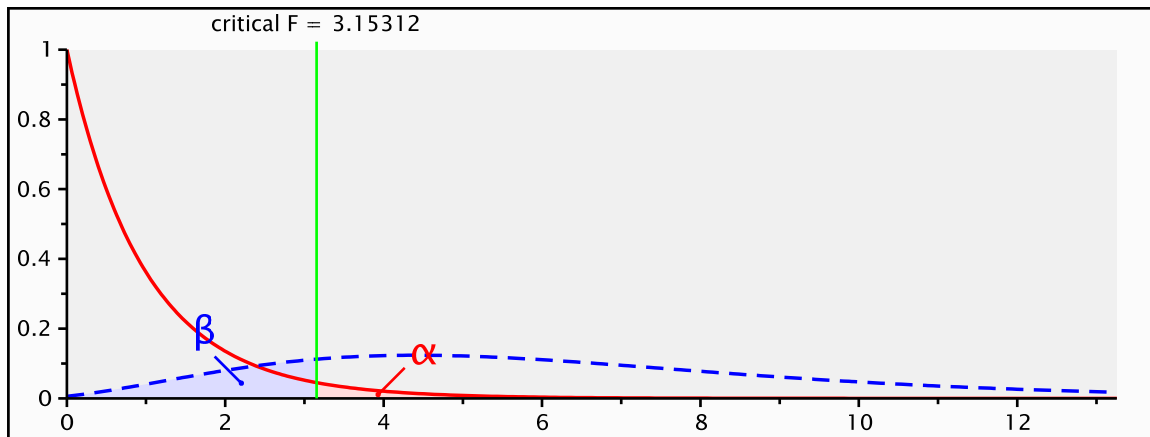


Figura 2 – F critic two tails

3.3 Instrumentos de Avaliação

3.3.1 Bateria de Testes Técnicos Específicos no Futebol – Condução de bola

Nome do teste: Condução de Bola Retilínea

Objetivo: Avaliar a condução de bola em velocidade em linha reta

Material: Uma bola, quatro cones, um cronometro e uma fita métrica.

Descrição da execução: Em um espaço demarcado de 22 metros de comprimento por 3 metros de largura o sujeito deverá conduzir a bola dominada próxima ao pé com o objetivo de percorrer os 20 metros de comprimento no menor tempo possível. O sujeito que ultrapassar a delimitação de 3 metros de largura o teste não será considerado válido. Cada sujeito realizará três repetições de forma livre (forma de condução da bola) e não consecutivas e serão registrados os tempos de cada execução. O tempo começará a contar a partir do primeiro toque na bola e encerra-se após ultrapassar a área delimitada com a bola em contato com o pé. A cronometragem será realizada por três avaliadores, com objetivo de verificar a objetividade entre avaliadores.

Critério de avaliação: tempo para realização do teste, melhor tempo nas avaliações executadas.

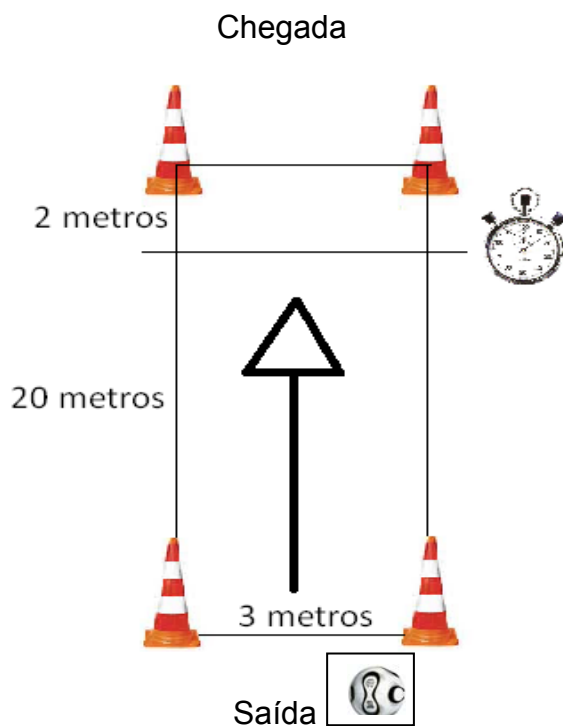


Figura 3 (Teste 1) – Teste de condução de bola retilínea

Nome: Condução de Bola Sinuosa (Slalom1)

Objetivo: Avaliar a condução de bola em velocidade em uma trajetória sinuosa.

Material: Uma bola, onze cones, um cronometro e uma fita métrica.

Descrição da execução: em um espaço demarcado de 11 metros de comprimento por 3 metros de largura o sujeito deverá conduzir a bola dominada entre os cones que terão 1,5 metros de distância entre eles no menor tempo possível. O sujeito que ultrapassar a delimitação de 3 metros de largura o teste não será considerado válido. Cada sujeito realizará três repetições de forma livre (forma de condução da bola) e não consecutivas e serão registrados os tempos de cada execução. O tempo começará a contar a partir do primeiro toque na bola e encerra-se após ultrapassar a área delimitada com a bola em contato com o pé. A cronometragem será realizada por três avaliadores, com objetivo de verificar a objetividade entre avaliadores.

Critério de avaliação: tempo para realização do teste, melhor tempo nas avaliações executadas.

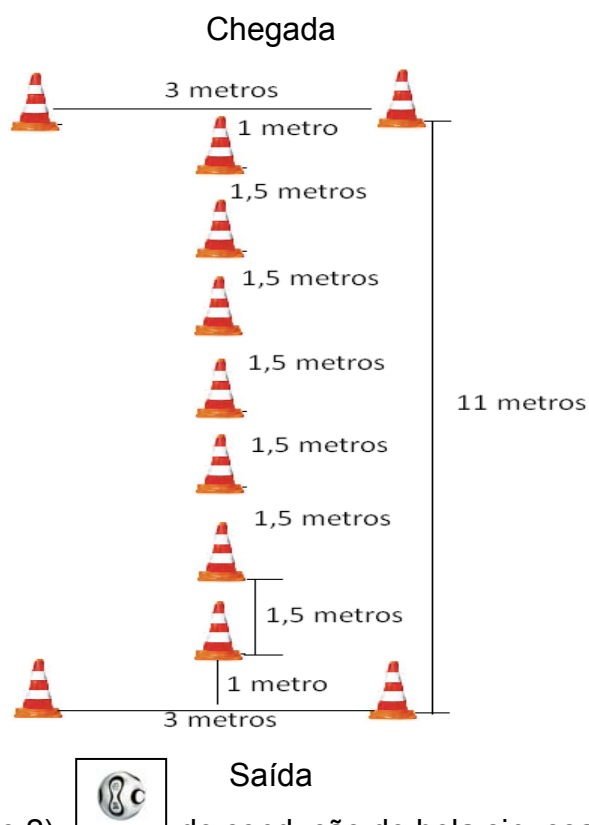


Figura 4 (Teste 2)  teste de condução de bola sinuosa (Slalom1)

Nome: Condução de Bola com Mudança de Direção (Slalom2)

Objetivo: Avaliar a condução de bola em velocidade em uma trajetória com variação na direção.

Material: Uma bola, onze cones, um cronometro e uma fita métrica.

Descrição da execução: em um espaço demarcado de 26 metros de comprimento por 8 metros de largura o sujeito deverá conduzir a bola dominada entre os cones (não é necessário circundar o cone, apenas aproximar) que estarão 6,4 metros de distância um do outro no menor tempo possível. O sujeito que ultrapassar a delimitação de 8 metros de largura o teste não será considerado válido. Cada sujeito realizará três repetições de forma livre (forma de condução da bola) e não consecutivas e serão registrados os tempos de cada execução. O tempo começará a contar a partir do primeiro toque na bola e encerra-se após ultrapassar o último cone do trajeto. A cronometragem será realizada por três avaliadores, com objetivo de verificar a objetividade entre avaliadores.

Critério de avaliação: tempo para realização do teste, melhor tempo nas avaliações executadas.

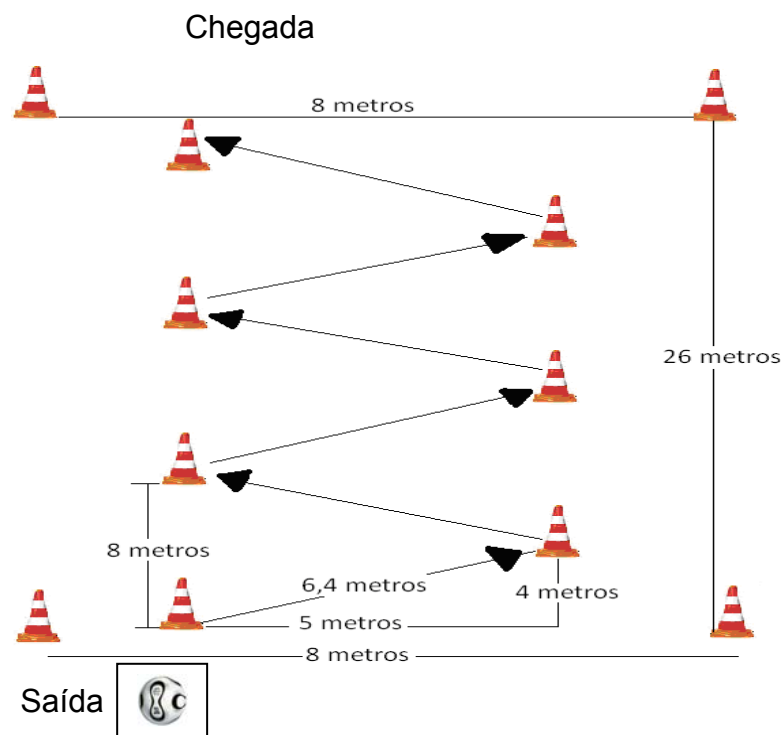


Figura 5 (Teste 3) – Teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2)

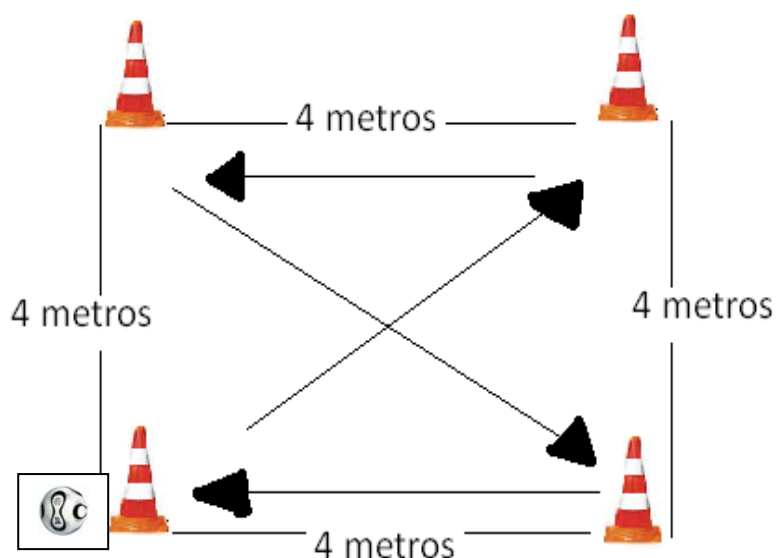
Nome: Condução de Bola no Quadrado de Agilidade (PROESP-BR, 2009)

Objetivo: Avaliar a condução de bola em velocidade no quadrado de agilidade proposto na bateria de testes do PROESP-BR.

Material: Uma bola, quatro cones, um cronometro e uma fita métrica.

Descrição da execução: em um espaço demarcado de 4 metros por 4 metros o sujeito deverá realizar a condução com mudança de direção no quadrado de agilidade no menor tempo possível. O sujeito que colidir derrubar ou tocar a bola em um ou mais cones o teste não será considerado válido O sujeito não necessita circundar o cone, apenas aproximar. Cada sujeito realizará três repetições de forma livre (forma de condução da bola) e não consecutivas e serão registrados os tempos de cada execução. O tempo começará a contar a partir do primeiro toque na bola e encerra-se após ultrapassar a área delimitada com a bola em contato com o pé. A saída e a chegada são realizadas no mesmo cone. A cronometragem será realizada por três avaliadores, com objetivo de verificar a objetividade entre avaliadores.

Critério de avaliação: tempo para realização do teste, melhor tempo nas avaliações.



Saída / chegada

Figura 6 (Teste 4) – Teste Condução de Bola no Quadrado de Agilidade (PROESP-BR)

3.4 Validade de Conteúdo do Instrumento

Em uma primeira avaliação, submeteremos o instrumento desenvolvido a uma validação de conteúdo. Neste procedimento recorreremos à consulta de um painel de quatro peritos. Dois especialistas da área acadêmica, professores doutores na área da pedagogia do desporto de crianças e jovens e do treino desportivo, com estudos desenvolvidos sobre a temática investigada e dois treinadores com experiência no ensino do futebol para crianças e jovens. Que serão escolhidos pelos pares por serem pessoas de referência e credibilidade no âmbito do treino e da competição no desporto infanto-juvenil. Na validação de conteúdo, os especialistas consultados responderam o questionário (adaptado Andreotti & Okuma, 1999) com o intuito de que estes emitam sua opinião sobre a clareza, a aplicabilidade e a eficiência do teste em mediar a capacidade de condução de bola para o futebol. O modelo do questionário é apresentado no ANEXO 4.

3.5 Procedimentos de Coleta de Dados

As avaliações serão realizadas nas dependências do clube durante os dias e locais de treinamentos de cada categoria pertencente a este estudo.

Posteriormente à assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, o sujeito será submetido a uma avaliação nos testes de condução de bola propostos neste estudo.

A ordem dos testes é a seguinte: condução de bola retilínea, condução de bola sinuosa, condução de bola com mudança de direção e por fim condução de bola no quadrado de agilidade. Na proposição da ordenação de execução dos testes adotamos o critério de complexidade e de exigência motora e cognitiva.

Os testes serão aplicados no campo de jogo e os atletas estarão calçando chuteiras apropriadas para a prática do futebol.

Todos os testes serão cronometrados por dois avaliadores simultaneamente.

As avaliações serão aplicadas em forma de teste e re-teste com um intervalo de 72h.

3.6 Tratamento dos Dados

Para a descrição do desempenho nos testes de habilidade técnica do futebol utilizaremos a estatística descritiva, apresentando valores de média e desvios padrão. Na análise para verificar a validade de conteúdo recorreremos ao índice de concordância de Kappa aplicado as respostas do questionário respondido pelos experts. Para testar a reprodutibilidade adotaremos o coeficiente de correlação intra classe, o Alpha Cronbach's e a comparação dos resultados pelo teste T pareado. A objetividade será verificada pela coeficiente de correlação de Pearson. Em uma análise exploratória dos dados verificaremos a adesão à distribuição paramétrica com o teste de Shapiro-Wilk, e análise da assimetria da curva pela razão da Skewness pelo Std. Error. Nas comparações dos valores médios nos testes de habilidade por posição e controlando o efeito da idade empregaremos a análise de covariância (ANCOVA). O software utilizado será o programa SPSS 18.0, e o nível de significância mantido em 0,05.

3.7 Procedimentos Éticos

3.7.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Os jovens jogadores de futebol das categorias de base do clube esportivo que participarem do estudo serão convidados e o farão por livre vontade, podendo desistir e ter acesso às informações dele a qualquer momento. Para esclarecimento dos objetivos e procedimentos metodológicos do projeto de pesquisa, será apresentado aos sujeitos da amostra o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e se concordarem, solicitado a sua assinatura e dos seus pais ou responsável. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no anexo 2.

Os dados pessoais e identidades dos sujeitos serão mantidos em sigilo. As informações coletadas não terão fins lucrativos e serão voltadas apenas para pesquisa científica. Desta forma, a apresentação dos dados e possível publicação dos mesmos serão sempre de forma geral, utilizando médias e percentuais. O processo de coleta de dados só começará após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS.

3.7.2 Termo de Autorização Institucional

Antes da realização do processo de seleção da amostra, será entregue ao clube de futebol um documento (anexo 3) solicitando a autorização para realização do estudo com os jovens que participam das categorias de base de futebol nas categorias Sub. 11 e 12. No documento que será entregue ao diretor, responsável pelas categorias de base do clube, constará as seguintes informações:

1- Instituição, dados do projeto de investigação e responsáveis;

2- Objetivos do estudo;

3- Solicitação para avaliar os jovens que participam das categorias de base nas categorias Sub. 11 e 12;

4- Local, data e turno das avaliações;

5- Pedido de autorização para divulgação dos resultados da pesquisa;

6- Compromisso dos pesquisadores no esclarecimento a qualquer dúvida, no retorno dos resultados e do trabalho final para o clube;

7- Garantia ao clube da liberdade em poder retirar a qualquer momento, o consentimento dado para a realização do estudo.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em forma de quadros e gráficos com intuito de dar resposta ao problema de estudo e atender aos objetivos geral e específico da investigação. Sendo assim, apresentaremos na seguinte ordem: caracterização da amostra, análise da validade de conteúdo do instrumento, análise da objetividade do instrumento, análise da reprodutibilidade do instrumento e, por fim, a análise da comparação dos atletas por posição de jogo em cada um dos testes propostos.

4.1 - Caracterizações da Amostra

A amostra do presente estudo foi composta por atletas de 11 e 12 anos do sexo masculino de um clube de futebol competitivo da cidade de Porto Alegre. Para a realização do estudo os atletas de ambas as idades foram divididos por suas posições de jogo (zagueiro, lateral, meio-campo e atacante). Os quadros abaixo se referem respectivamente a frequência e percentagens dos atletas por idade e por posição em cada idade.

Quadro 1- Frequência e percentagens dos atletas por idade

IDADES	Frequência	Percentagem
11	32	41,6
12	45	58,4
Total	77	100,0

O total da amostra foi de 77 sujeitos, sendo 45 (58,4%) sujeitos com idade de 12 anos e 32 (41,6%) sujeitos com idade de 11 anos. A diferença no número mínimo de sujeitos estimados pelo cálculo amostral (64) para o número de sujeitos investigado (77) é devido ao fato de avaliar todos os atletas que se encontravam nas categorias de 11 e 12 anos do clube. Podemos verificar que a frequência predominante na amostra é dos atletas das categorias mais velhas (58,4%).

Quadro 2- Frequência e percentagens dos atletas por posição em cada idade

		Idade		Total	
		11	12		
Posição	ATACANTE	Frequência	10	8	18
		% na idade	31,2%	17,8%	23,4%
	LATERAL	Frequência	5	8	13
		% na idade	15,6%	17,8%	16,9%
	MEIO CAM	Frequência	11	21	32
		% na idade	34,4%	46,7%	41,6%
	ZAGUEIRO	Frequência	6	8	14
		% na idade	18,8%	17,8%	18,2%
	Total	Frequência	32	45	77
		% na idade	100,0%	100,0%	100,0%

Os sujeitos da amostra foram divididos por suas posições de jogo, portanto, os 77 sujeitos dividem-se em 18 atacantes (10 com 11 anos e 8 com 12 anos), 13 laterais (5 com 11 anos e 8 com 12 anos), 32 meio-campistas (11 com 11 anos e 21 com 12 anos) e 14 zagueiros (6 com 11 anos e 8 com 12 anos). O número de meio-campistas é maior porque não separamos por especificidade tática (meio/defensivo e/ou meio/ofensivo).

Adotamos como critério de avaliação dos resultados das inferências estatísticas para a validade, objetividade e reprodutibilidade o quadro avaliativo de Safrit (1989).

Quadro 3- Parâmetro para seleção de testes SAFRIT (1989)

	Validade	Fidedignidade	Objetividade
Excelente	0,80 – 1,00	0,90 – 1,00	0,95 – 1,00
Bom	0,70 – 0,79	0,80 – 0,89	0,85 – 0,94
Regular	0,50 – 0,69	0,60 – 0,79	0,70 – 0,84
Fraco	0,00 – 0,49	0,00 – 0,59	0,00 – 0,69

4.2 - Análise da Validade de Conteúdo

Para verificarmos a validade de conteúdo da bateria de testes de condução de bola solicitamos à um grupo de 4 "Experts" analisar o conteúdo da descrição dos testes e responder ao questionário (ANEXO 4). O questionário, contendo 3 perguntas, indaga sobre a clareza e facilidade no entendimento dos testes, a aplicabilidade dos testes, se medem realmente o que se propõem medir, ou seja, condução de bola. O grupo de "Experts" foi formado por dois professores doutores em treinamento esportivo e com reconhecida vivência na área do esporte, dois treinadores de futebol das categorias de base de um clube profissional da cidade de Porto Alegre, ambos formados em Educação Física e com experiência na formação esportiva por mais de cinco anos, indicados pelos pares como referência pelo trabalho realizado na área. Após coletarmos as respostas do questionário realizamos uma análise da concordância das respostas através do *Índice Kappa*. O valor de Kappa igual a 1 implica que a proporção de concordância observada seja igual a 1, para que o numerador do quociente fique igual ao denominador, e portanto neste caso a concordância é perfeita, dado que todas as frequências estão na diagonal. Segundo Landis e Koch (1977) os valores de Kappa entre 0 e 1 podem ser avaliados pela seguinte classificação:

Quadro 4- Escala de avaliação do índice Kappa (Landis e Koch, 1977).

Valor de Kappa	Concordância
0	Pobre
0 – 0,20	Ligeira
0,21 – 0,40	Considerável
0,41 – 0,60	Moderada
0,61 – 0,80	Substancial
0,81 – 1	Excelente

Quadro 5- Frequência de resposta nas questões do questionário:

ENTENDIMENTO	Muito Fácil	Fácil	Difícil	Muito Difícil
	4 (100%)	0%	0%	0%
APLICABILIDADE	Muito Viável	Viável	Pouco Viável	Inviável
	4 (100%)	0%	0%	0%
CAPACIDADE DE MENSURAÇÃO	SIM	NÃO	-	-
	4 (100%)	0%	-	-

Quadro 6 – Resultado da concordância das respostas entre os experts avaliadas pelo Índice Kappa:

Symmetric Measures			
		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,990	,000
Measure of Agreement	Kappa	1,000	,000
N of Valid Cases		4	

Como podemos verificar as respostas dos "Experts" possuem um grau de concordância excelente (1,0), visto que todos os quatro responderam as três perguntas da mesma forma. Todos os "Experts" avaliaram a bateria de teste da forma mais satisfatória possível para os 3 itens (entendimento, aplicabilidade e capacidade de mensuração), demonstrando assim que a proposição dos testes de condução de bola apresentam uma excelente validade de conteúdo. O grau de concordância entre os "Experts" foi o critério utilizado para considerar a validade dos testes de condução de bola. Para tanto, considera-se aceitável uma concordância maior ou igual a 0,80 (PASQUALI, 1999, 2010; HERNÁNDEZ-NIETO, 2002; BALBINOTTI et al. 2006).

4.3 - Análise da Objetividade

Para verificação da objetividade, dois avaliadores cronometraram simultaneamente os testes (pré-teste) e retestes (pós-testes) e os resultados seguem abaixo.

Quadro 7- Coeficiente de correlação entre os resultados de cronometragem nos testes de habilidade de condução de bola na situação pré e pós-teste

Teste	Correlações no pré-teste				Correlações no pós-teste			
Condução de bola retilínea	Correlations							
			av1crpré	av2crpré			av1crpós	av2crpós
	av1crpré	Pearson Correlation	1	,999**	av1crpós	Pearson Correlation	1	,999**
		Sig. (2-tailed)		,000		Sig. (2-tailed)		,000
		N	77	77		N	77	77
	av2crpré	Pearson Correlation	,999**	1	av2crpós	Pearson Correlation	,999**	1
		Sig. (2-tailed)	,000			Sig. (2-tailed)	,000	
		N	77	77		N	77	77
	**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).				**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).			

Condução de bola no quadrado de agilidade	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1capré</th> <th>av2capré</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1capré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>,998**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2capré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>,998**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1capré	av2capré	av1capré	Pearson Correlation	1	,998**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2capré	Pearson Correlation	,998**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1capós</th> <th>av2capós</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1capós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>1,000**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2capós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1,000**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1capós	av2capós	av1capós	Pearson Correlation	1	1,000**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2capós	Pearson Correlation	1,000**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77
			av1capré	av2capré																																																												
av1capré	Pearson Correlation	1	,998**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2capré	Pearson Correlation	,998**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													
		av1capós	av2capós																																																													
av1capós	Pearson Correlation	1	1,000**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2capós	Pearson Correlation	1,000**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													
Condução de bola com variação de direção (Slalom2)	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1cvpré</th> <th>av2cvpré</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1cvpré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>1,000**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2cvpré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1,000**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1cvpré	av2cvpré	av1cvpré	Pearson Correlation	1	1,000**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2cvpré	Pearson Correlation	1,000**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1cvpós</th> <th>av2cvpós</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1cvpós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>1,000**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2cvpós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1,000**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1cvpós	av2cvpós	av1cvpós	Pearson Correlation	1	1,000**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2cvpós	Pearson Correlation	1,000**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77
			av1cvpré	av2cvpré																																																												
av1cvpré	Pearson Correlation	1	1,000**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2cvpré	Pearson Correlation	1,000**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													
		av1cvpós	av2cvpós																																																													
av1cvpós	Pearson Correlation	1	1,000**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2cvpós	Pearson Correlation	1,000**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													
Condução de bola sinuosa (Slalom1)	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1cspré</th> <th>av2cspré</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1cspré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>1,000**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2cspré</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1,000**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1cspré	av2cspré	av1cspré	Pearson Correlation	1	1,000**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2cspré	Pearson Correlation	1,000**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"></th> <th>av1cspós</th> <th>av2cspós</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>av1cspós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1</td> <td>1,000**</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td></td> <td>,000</td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> <tr> <td>av2cspós</td> <td>Pearson Correlation</td> <td>1,000**</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Sig. (2-tailed)</td> <td>,000</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>N</td> <td>77</td> <td>77</td> </tr> </tbody> </table> <p>** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).</p>						av1cspós	av2cspós	av1cspós	Pearson Correlation	1	1,000**		Sig. (2-tailed)		,000		N	77	77	av2cspós	Pearson Correlation	1,000**	1		Sig. (2-tailed)	,000			N	77	77
			av1cspré	av2cspré																																																												
av1cspré	Pearson Correlation	1	1,000**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2cspré	Pearson Correlation	1,000**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													
		av1cspós	av2cspós																																																													
av1cspós	Pearson Correlation	1	1,000**																																																													
	Sig. (2-tailed)		,000																																																													
	N	77	77																																																													
av2cspós	Pearson Correlation	1,000**	1																																																													
	Sig. (2-tailed)	,000																																																														
	N	77	77																																																													

O menor coeficiente de correlação encontrado nas avaliações foi $r=0,998$ e o maior foi $r=1,00$, evidenciando uma excelente objetividade entre avaliadores, segundo critério adotado $r 0,95 - 1,0$ (SAFRIT 1989).

Essa objetividade significa o grau de consistência que esperamos nos resultados, quando o teste é aplicado por diferentes avaliadores na mesma amostra. Em um estudo de validação realizado por Gorgatti (2003) a objetividade foi verificada através da realização dos testes com três avaliadores cronometrando simultaneamente os testes e as diferenças encontradas entre os avaliadores não foram significativas, o que vem ao encontro com os resultados encontrados no presente estudo.

4.4 - Análise da Reprodutibilidade (Fidedignidade)

Para verificar a reprodutibilidade (consistência entre teste e reteste) em cada um dos testes propostos utilizamos o método de avaliação nomeado como teste - reteste, onde aplicamos a bateria de testes de condução de bola e após 72 horas reaplicamos a mesma bateria de testes nos mesmos sujeitos avaliados. Para realizar a análise dos resultados obtidos nas avaliações, utilizamos os testes estatísticos *Alpha de Cronbach* para definição da confiabilidade (consistência dos

resultados), o alpha reflete o grau de covariância dos itens entre si (pré e pós-teste); *Coeficiente de Correlação Intraclasse* para determinar o quanto os resultados se mantêm semelhantes em dois momentos distintos e por fim o *Teste t pareado* para comparar os valores médios dos testes (pré-teste) e retestes (pós-teste) em cada um dos testes que compõem a bateria de testes de condução de bola.

Quadro 8 - Parâmetro de referência para avaliar a consistência dos testes (CRONBACH, 2004)

Consistência interna alpha de Cronbach	
$\alpha \geq 0,9$	Excelente
$0,9 > \alpha \geq 0,8$	Bom
$0,8 > \alpha \geq 0,7$	Aceitável
$0,7 > \alpha \geq 0,6$	Questionável
$0,6 > \alpha \geq 0,5$	Pobre
$0,5 > \alpha$	Inaceitável

Teste 1 – condução de bola retilínea

Quadro 9- Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução retilínea

	Média	N	Desvio padrão	Erro da média
Pair 1	cond.ret.préteste	3,8994	,41792	,04763
	cond.ret.pósteste	3,8727	,40408	,04605

Referindo-se ao quadro acima, podemos visualizar que os resultados apontaram valores médios e dispersão semelhantes entre pré e pós-teste.

Podemos considerar essa pequena diferença nos valores médios para o pós-teste devido ao fato dos sujeitos já estarem familiarizados com o teste em questão e assim, melhorarem seu desempenho adotando estratégias e postura mais adequadas. Este fato foi encontrada em diversos estudos como Belasco e Silva (1998) que encontraram $15,9 \pm 1,35$ (teste) e $15,5 \pm 1,37$ (reteste) e Gorgatti e Bohme (2003) que encontraram $14,8 \pm 1,1$ (teste) e $14,6 \pm 0,9$ (reteste) ambos os estudos referentes a testes de agilidade com cadeirantes. Cabe destacar que testamos estatisticamente se a melhoria nos resultados foi significativa ou não

através do teste T pareado. Essas mudanças nos valores médios não foram significativas.

Quadro 10- Valor de *Alpha Cronbrach's* encontrado entre pré e pós-teste de condução retilínea

Cronbach's Alpha	N of Items
,878	2

O valor encontrado de consistência interna é classificado como bom ($.9 > \alpha \geq .8$) conforme descrição de Cronbach (2004). Com base no alpha encontrado podemos dizer que a estimativa de uma generalização referente à equivalente dos resultados não é tendenciosa, demonstrando que o instrumento avalia de forma estável o desempenho dos sujeitos. Esse resultado encontrado no presente estudo está de acordo com o encontrado por Silva (2010) que para medir a consistência interna de uma bateria de testes de coordenação com bola (TECOBOL), encontrou um Alpha de 0,91 e para as cinco dimensões testadas de 0,64 (tempo), 0,70 (precisão), 0,74 (organização), 0,70 (sequência) e 0,67 (variabilidade).

Quadro 11- Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução retilínea.

	Intraclass Correlation	F Test with True Value 0			
		Value	df1	df2	Sig
Single Measures	,782	8,180	76	76	,000
Average Measures	,878	8,180	76	76	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

O valor de correlação intraclass encontrado de 0,782 indica, segundo classificação de Safrit, como regular (0,60 a 0,79). Desta forma podemos afirmar que no teste de condução de bola retilínea não houve diferença significativa entre o pré e pós-teste, portanto o teste foi considerado reproduzível. Ali (2008) validou um estudo que consistia em um teste de passe para o futebol, em seu estudo ele

obteve uma correlação intraclasse de 0,64, valor este considerado regular pela classificação de Safrit.

Quadro 12- Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução retilínea

Paired Samples Test				
		t	df	Sig. (2-tailed)
Pair 1	cond.ret.préteste - cond.ret.pósteste	,861	76	,392

Não encontramos diferenças significativas entre os valores médios do pré-teste para o pós-teste. Indicando que o teste de habilidade na condução de bola retilínea é consistente, demonstrou capacidade de reproduzir resultados de um mesmo grupo em momentos diferenciados sem ocasionar diferenças significativas.

Do ponto de vista da reprodutibilidade, o teste de condução de bola retilínea foi satisfatório e estável, podendo ser utilizado na avaliação dessa habilidade específica do futebol com crianças na etapa de formação esportiva.

Teste 2 – condução sinuosa da bola (Slalom1)

Quadro 13- Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

		Média	N	Desvio padrão	Erro da média
Pair 1	cond.sin.pré	5,9255	77	1,05675	,12043
	cond.sin.pós	5,8699	77	1,02831	,11719

Referindo-se ao quadro acima, podemos visualizar que os resultados da média e do desvio padrão para condução de bola sinuosa (Slalom1) são semelhantes e com variabilidade maior que no primeiro teste de condução de bola. Mais uma vez a diferença verificada a favor do pós-teste possivelmente seja devido à familiarização com o teste em questão.

Quadro 14- Valor de *Alpha Cronbrach's* encontrado entre pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

Cronbach's Alpha	N of Items
,911	2

O valor encontrado de consistência interna é classificado como Excelente ($\alpha \geq .9$) conforme descrição de Cronbach (2004). Evidenciando uma capacidade de reprodução maior. Este fato pode ser reflexo de que o movimento realizado neste teste é muitas vezes reproduzido em situações de jogo. Reilly e Holmes (1983) publicaram um estudo referente a testes de condução de bola em slalom, o estudo consistia em driblar cinco cones dispostos 4,5 metros de distância entre eles. O coeficiente de validade obtido neste estudo de Reilly e Holmes (1983) foi de 0,69, valor considerado regular pela classificação de Safrit.

Quadro 15- Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

	Intraclass Correlation	F Test with True Value 0			
		Value	df1	df2	Sig
Single Measures	,836	11,227	76	76	,000
Average Measures	,911	11,227	76	76	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

O valor de correlação intraclass encontrado de 0,836 indica, segundo classificação de Safrit, como bom (0,80 a 0,89). Desta forma podemos afirmar que no teste de condução de bola sinuosa (Slalom1) não houve diferença significativa entre o pré e pós-teste, sendo assim o teste considerado reproduzível.

Quadro 16- Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

		t	df	Sig. (2-tailed)
Pair 1	cond.sin.pré - cond.sin.pós	,818	76	,416

Não encontramos diferenças significativas entre os valores médios do pré-teste para o pós-teste. Indicando que o teste de habilidade na condução de bola sinuosa (Slalom1) é consistente, demonstrou capacidade de reproduzir resultados de um mesmo grupo em momentos diferenciados sem ocasionar diferenças significativas.

Do ponto de vista da reprodutibilidade, o teste de condução de bola sinuosa (Slalom1) foi satisfatório e estável, podendo ser utilizado na avaliação dessa habilidade específica do futebol com crianças na etapa de formação esportiva.

Teste 3 – condução da bola com variação da direção (Slalom2)

Quadro 17- Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução de bola com variação da direção (Slalom2)

		Média	N	Desvio padrão	Erro da média
Pair 1	cond.vardire.pré	14,0842	77	1,27135	,14488
	cond.vardire.pós	14,1173	77	1,11444	,12700

Referindo-se ao quadro acima, podemos visualizar que os resultados da média e do desvio padrão para condução de bola com mudança de direção (Slalom2) são respectivamente: pré-teste 14,08 e $\pm 1,27$ e pós-teste 14,11 e $\pm 1,11$. Desta vez a diferença verificada a favor do pós-teste não foi verificada, isto possivelmente seja devido ao tempo de execução do teste em questão ser maior dos que os vistos anteriormente.

Quadro 18- Valor de *Alpha Cronbrach's* encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)

Cronbach's Alpha	N of Items
,877	2

O valor encontrado de consistência interna para o teste de condução de bola com mudança de direção é classificado como bom ($.9 > \alpha \geq .8$) conforme descrição de Cronbach (2004). Com base no alpha encontrado podemos dizer que a estimativa de uma generalização referente à equivalente dos resultados não é tendenciosa, demonstrando que o instrumento avalia de forma estável o desempenho dos sujeitos.

Quadro 19- Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola com mudança de direção (Slalom2)

	Intraclass Correlation	F Test with True Value 0			
		Value	df1	df2	Sig
Single Measures	,781	8,143	76	76	,000
Average Measures	,877	8,143	76	76	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

O valor de correlação intraclass encontrado de 0,782 indica, segundo classificação de Safrit, como regular (0,60 a 0,79). Desta forma podemos afirmar que no teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2) não houve diferença significativa entre o pré e pós-teste, deste modo, considerando o teste reproduzível.

Quadro 20- Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)

		t	df	Sig. (2-tailed)
Pair 1	cond.vardire.pré - cond.vardire.pós	-,368	76	,714

Não encontramos diferenças significativas entre os valores médios do pré-teste para o pós-teste. Indicando que o teste de habilidade na condução de bola

com mudança de direção (Slalom2) é consistente, demonstrou capacidade de reproduzir resultados de um mesmo grupo em momentos diferenciados sem ocasionar diferenças significativas.

Do ponto de vista da reprodutibilidade, o teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2) foi satisfatório e estável, podendo ser utilizado na avaliação dessa habilidade específica do futebol com crianças na etapa de formação esportiva.

Teste 4 – Condução da bola no quadrado de agilidade (PROESP-BR)

Quadro 21- Valores médios e desvios padrão no pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade

		Média	N	Desvio padrão	Erro da média
Pair 1	cond.agil.pré	7,5886	77	,81672	,09307
	cond.agil.pós	7,3422	77	,77154	,08792

Referindo-se ao quadro acima, podemos visualizar que os resultados da média e do desvio padrão para condução de bola com mudança de direção (Slalom2) são respectivamente: pré-teste 7,58 e $\pm 0,81$ e pós-teste 7,34 e $\pm 0,77$.

Quadro 22- Valor de *Alpha Cronbrach's* encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,679	2

O valor encontrado de consistência interna para o teste de condução de bola no quadrado de agilidade é classificado como questionável ($.7 > \alpha \geq .6$) conforme descrição de Cronbach (2004). Com base no alpha encontrado

podemos dizer que a estimativa de uma generalização referente a equivalente dos resultados é tendenciosa, demonstrando que o instrumento não avalia de forma estável o desempenho dos sujeitos. Este fato pode ser reflexo de que o movimento realizado neste teste não é muito reproduzido em situações de jogo.

Quadro 23- Coeficiente de correlação intra classe encontrado entre pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation	F Test with True Value 0			
		Value	df1	df2	Sig
Single Measures	,514	3,115	76	76	,000
Average Measures	,679	3,115	76	76	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

O valor de correlação intraclass encontrado de 0,514 indica, segundo classificação de Safrit, como fraco (0,00 a 0,59). Sendo este teste considerado como o mais fraco desta bateria no que se refere a avaliar a condução de bola de jovens jogadores de futebol.

Quadro 24- Comparação dos valores médios do pré e pós-teste de condução da bola no quadrado de agilidade

Paired Samples Test

		t	df	Sig. (2-tailed)
Pair 1	cond.agil.pré - cond.agil.pós	2,760	76	,007

Encontramos diferenças significativas entre os valores médios do pré-teste para o pós-teste. Indicando que o teste de habilidade na condução de bola no quadrado de agilidade não consegue expressar valores entre as avaliações de forma consistente. A capacidade de reproduzir resultados de um mesmo grupo em momentos diferenciados não é satisfatória

Do ponto de vista da reprodutibilidade, o teste de condução de bola no quadrado de agilidade foi considerado fraco, porém mesmo não sendo o mais recomendado, recomenda-se cautela e mais estudos na utilização na avaliação dessa habilidade específica do futebol com crianças na etapa de formação esportiva.

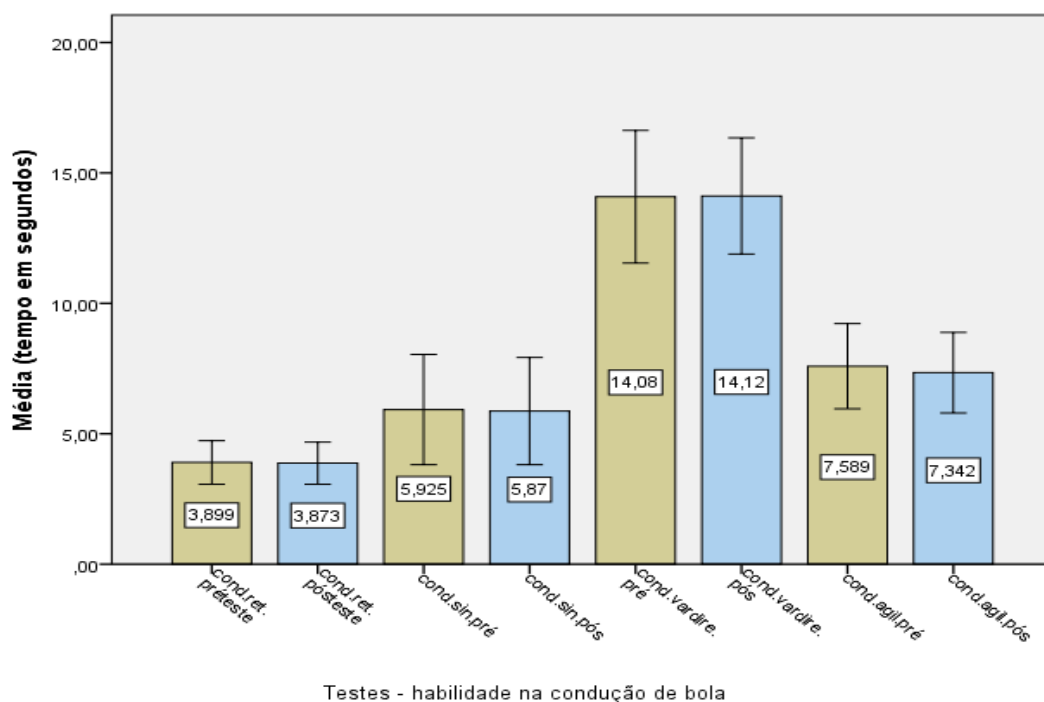


Figura 7 – Valores médios e dispersão no pré e pós-teste das avaliações referente à habilidade de condução de bola no futebol

Portanto, podemos constatar que a média dos pós-testes tende a ser melhor, isto verificado pelo fato do sujeito se familiarizar com o teste e assim melhor seu desempenho quando realizado novamente. Este fato não se configurou apenas no teste de condução de bola com mudança de direção e isto possivelmente pelo fato deste teste possuir um tempo de execução maior que os demais e sendo esse teste mais suscetível a pequenos erros durante sua execução, o que pode comprometer, portanto a diminuição do tempo no pós-teste.

4.5 - Análise das comparações por posição controlando o efeito da idade

Teste 1 – condução de bola retilínea

Para efeito de comparação entre as posições adotamos os valores médios no pós-teste, devido à familiarização com o protocolo de avaliação e por serem os resultados de melhor desempenho dos jogadores.

Quadro 25- Valores médios e desvios padrão no teste de condução retilínea por posição

Valores sem controlar o efeito da idade				Valores corrigidos pelo efeito da idade		
Posição	Média	Desvio padrão	N	Posição	Média	Erro padrão da média
ATACANTE	3,87	,480	18	ATACANTE	3,785 ^a	,060
LATERAL	3,68	,326	13	LATERAL	3,708 ^a	,070
MEIO CAM	3,91	,372	32	MEIO CAM	3,961 ^a	,045
ZAGUEIRO	3,94	,421	14	ZAGUEIRO	3,937 ^a	,068
Total	3,87	,404	77			

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: idade = 11,58.

No quadro acima da esquerda podemos verificar as médias e desvios padrão dos jovens divididos por suas posições de jogo no teste de condução de bola retilínea sem o efeito da idade, ou seja, desconsiderando a variável idade quando realizado o cálculo estatístico. No quadro acima da direita consideramos a variável idade e ela foi definida de estatisticamente como 11,58. Evidenciamos portanto, que ao considerar a variável idade os valores das médias e desvios padrão foram corrigidos, sendo que os valores dos resultados em segundos foram maiores para laterais e meio-campistas e menores para atacantes e zagueiros.

Quadro 26- Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução de bola retilínea

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cond.ret.pósteste

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Observed Power ^b
Corrected Model	7,796 ^a	4	1,949	30,418	,000	1,000
Intercept	16,838	1	16,838	262,796	,000	1,000
idade	7,222	1	7,222	112,711	,000	1,000
posição1	,794	3	,265	4,133	,009	,831
Error	4,613	72	,064			
Total	1167,256	77				
Corrected Total	12,409	76				

a. R Squared = ,628 (Adjusted R Squared = ,608)

b. Computed using alpha = ,05

Podemos verificar no quadro acima que não há diferença significativa entre interação e o efeito das variáveis idade e posição na variabilidade dos resultados obtidos no teste de condução de bola retilínea.

Quadro 27- Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade.

Pairwise Comparisons

Dependent Variable: cond.ret.pósteste

(I) posição1	(J) posição1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. ^b
	LATERAL	,077	,093	1,000
ATACANTE	MEIO CAM	-,177	,076	,134
	ZAGUEIRO	-,152	,091	,581
	ATACANTE	-,077	,093	1,000
LATERAL	MEIO CAM	-,253*	,083	,020
	ZAGUEIRO	-,229	,098	,130
	ATACANTE	,177	,076	,134
MEIO CAM	LATERAL	,253*	,083	,020
	ZAGUEIRO	,024	,081	1,000
ZAGUEIRO	ATACANTE	,152	,091	,581

LATERAL	,229	,098	,130
MEIO CAM	-,024	,081	1,000

Based on estimated marginal means

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Bonferroni.

Ocorreram diferenças estatisticamente significativas apenas entre as médias das posições de laterais e meio-campo. Os laterais apresentaram melhores médias de desempenho em relação aos jogadores da posição de meio-campo. Este fato pode ser explicado devido aos jogadores laterais executarem com maior frequência no jogos a condução de bola retilínea do que os jogadores de meio campo e assim possuindo uma familiaridade maior com o movimento.

Teste 2 – condução sinuosa da bola (Slalom1)

Quadro 28- Valores médios e desvios padrão no teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

Valores sem controlar o efeito da idade				Valores corrigidos pelo efeito da idade		
Posição	Média	Desvio padrão	N	posição1	Média	Erro padrão da média
ATACANTE	5,93	1,069	18	ATACANTE	5,786 ^a	,214
LATERAL	5,94	1,190	13	LATERAL	5,979 ^a	,250
MEIO CAM	5,73	,817	32	MEIO CAM	5,816 ^a	,160
ZAGUEIRO	6,01	1,305	14	ZAGUEIRO	6,000 ^a	,241
Total	5,86	1,028	77	a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: idade = 11,58.		

Mais uma vez ao corrigir os valores a partir dos efeitos da idade obtivemos os seguintes resultados para o teste de condução de bola sinuosa (Slalom1): tempos maiores para as posições laterais e meio-campistas e tempos menores para atacantes e zagueiros.

Quadro 29- Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução sinuosa da bola (Slalom1)

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cond.sin.pós

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Observed Power ^b
Corrected Model	21,966 ^a	4	5,492	6,771	,000	,990
Intercept	45,547	1	45,547	56,156	,000	1,000
idade	20,968	1	20,968	25,852	,000	,999
posição1	,611	3	,204	,251	,860	,096
Error	58,397	72	,811			
Total	2733,427	77				
Corrected Total	80,363	76				

a. R Squared = ,273 (Adjusted R Squared = ,233)

b. Computed using alpha = ,05

Podemos verificar no quadro acima que ha interação e efeito apenas da variável idade na variabilidade dos resultados obtidos no teste de condução de bola sinuosa (Slalom1).

Quadro 30 - Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade

Pairwise Comparisons

Dependent Variable: cond.sin.pós

(I) posição1	(J) posição1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. ^a
ATACANTE	LATERAL	-,193	,330	1,000
	MEIO CAM	-,029	,269	1,000
	ZAGUEIRO	-,213	,322	1,000
LATERAL	ATACANTE	,193	,330	1,000
	MEIO CAM	,164	,296	1,000
	ZAGUEIRO	-,020	,347	1,000
MEIO CAM	ATACANTE	,029	,269	1,000
	LATERAL	-,164	,296	1,000
	ZAGUEIRO	-,184	,289	1,000
ZAGUEIRO	ATACANTE	,213	,322	1,000
	LATERAL	,020	,347	1,000
	MEIO CAM	,184	,289	1,000

Based on estimated marginal means

a. Adjustment for multiple comparisons: Bonferroni.

Retirando o efeito da idade sobre a variabilidade no teste não encontramos diferenças significativas entre as posições para o teste de condução de bola sinuosa. Fato este que se explica devido a este movimento ser semelhante em execução e frequência de ocorrência para todas as posições de jogo.

Teste 3 – condução da bola com variação da direção (Slalom2)

Quadro 31- Valores médios e desvios padrão no teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)

Valores sem controlar o efeito da idade				Valores corrigidos pelo efeito da idade		
Posição	Média	Desvio padrão	N	posição1	Média	Erro padrão da media
ATACANTE	13,83	1,291	18	ATACANTE	13,723 ^a	,246
LATERAL	14,15	,868	13	LATERAL	14,175 ^a	,287
MEIO CAM	14,00	1,047	32	MEIO CAM	14,065 ^a	,184
ZAGUEIRO	14,70	1,120	14	ZAGUEIRO	14,691 ^a	,276
Total	14,11	1,114	77			

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: idade = 11,58.

Ao corrigirmos os valores a partir dos efeitos da idade obtivemos os seguintes resultados para o teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2): tempos maiores para as posições laterais e meio-campistas e tempos menores para atacantes e zagueiros.

Quadro 32- Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução da bola com variação da direção (Slalom2)

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cond.vardire.pós

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Observed Power ^b
Corrected Model	17,475 ^a	4	4,369	4,089	,005	,898
Intercept	72,341	1	72,341	67,718	,000	1,000
idade	10,845	1	10,845	10,152	,002	,882
posição1	7,501	3	2,500	2,341	,080	,565
Error	76,916	72	1,068			
Total	15440,290	77				
Corrected Total	94,391	76				

a. R Squared = ,185 (Adjusted R Squared = ,140)

b. Computed using alpha = ,05

Podemos verificar no quadro acima que não há diferença significativa entre interação e o efeito da variável idade na variabilidade dos resultados obtidos no teste de condução de bola com mudança de direção (Slalom2).

Quadro 33 - Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade

Pairwise Comparisons

Dependent Variable: cond.vardire.pós

(I) posição1	(J) posição1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. ^a
	LATERAL	-,452	,378	1,000
ATACANTE	MEIO CAM	-,342	,309	1,000
	ZAGUEIRO	-,968	,370	,065
	ATACANTE	,452	,378	1,000
LATERAL	MEIO CAM	,111	,340	1,000
	ZAGUEIRO	-,515	,398	1,000
	ATACANTE	,342	,309	1,000
MEIO CAM	LATERAL	-,111	,340	1,000
	ZAGUEIRO	-,626	,332	,379
	ATACANTE	,968	,370	,065
ZAGUEIRO	LATERAL	,515	,398	1,000
	MEIO CAM	,626	,332	,379

Controlando o efeito da idade na variabilidade do desempenho no teste não encontramos diferenças significativas entre as posições na condução de bola com mudança de direção. Fato este que se explica devido a este movimento ser semelhante em execução e frequência de ocorrência para todas as posições de jogo.

Teste 4 – condução da bola no quadrado de agilidade (PROESP-BR)

Quadro 34- Valores médios e desvios padrão no teste de condução da bola no quadrado de agilidade

Valores sem controlar o efeito da idade				Valores corrigidos pelo efeito da idade		
Posição	Média	Desvio padrão	N	posição1	Média	Erro padrão da média
ATACANTE	7,29	,680	18	ATACANTE	7,218 ^a	,174
LATERAL	7,11	,541	13	LATERAL	7,132 ^a	,203
MEIO CAM	7,34	,862	32	MEIO CAM	7,383 ^a	,130
ZAGUEIRO	7,61	,835	14	ZAGUEIRO	7,603 ^a	,196
Total	7,34	,771	77			

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: idade = 11,58.

Ao corrigirmos os valores a partir dos efeitos da idade obtivemos os seguintes resultados para o teste de condução de bola no quadrado de agilidade: tempos maiores para as posições laterais e meio-campistas e tempos menores para atacantes e zagueiros.

Quadro 35- Interação e efeito das variáveis idade e posição na variabilidade do teste de condução da bola no quadrado de agilidade

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cond.agil.pós

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Observed Power ^b
Corrected Model	6,530 ^a	4	1,633	3,036	,023	,778
Intercept	23,938	1	23,938	44,525	,000	1,000
idade	4,812	1	4,812	8,951	,004	,839
posição1	1,856	3	,619	1,151	,335	,297
Error	38,710	72	,538			
Total	4196,158	77				
Corrected Total	45,240	76				

a. R Squared = ,144 (Adjusted R Squared = ,097)

b. Computed using alpha = ,05

Podemos verificar no quadro acima que houve interação e efeito da variável idade na dispersão dos resultados obtidos no teste de condução de bola no quadrado de agilidade.

Quadro 36 - Resultado das comparações múltiplas entre as posições controlando o efeito da idade

Pairwise Comparisons

Dependent Variable: cond.agil.pós

(I) posição1	(J) posição1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. ^a
ATACANTE	LATERAL	,086	,268	1,000
	MEIO CAM	-,165	,219	1,000
	ZAGUEIRO	-,385	,262	,876
LATERAL	ATACANTE	-,086	,268	1,000
	MEIO CAM	-,251	,241	1,000
	ZAGUEIRO	-,471	,283	,598
MEIO CAM	ATACANTE	,165	,219	1,000
	LATERAL	,251	,241	1,000
	ZAGUEIRO	-,220	,235	1,000
ZAGUEIRO	ATACANTE	,385	,262	,876
	LATERAL	,471	,283	,598
	MEIO CAM	,220	,235	1,000

Based on estimated marginal means

a. Adjustment for multiple comparisons: Bonferroni.

Assim como nos outros testes avaliados, ao controlarmos o efeito da idade não ocorreram diferenças significativas entre as posições para o teste de condução de bola sinuosa. Fato este que se explica devido a este movimento ser semelhante em execução e frequência de ocorrência para todas as posições de jogo.

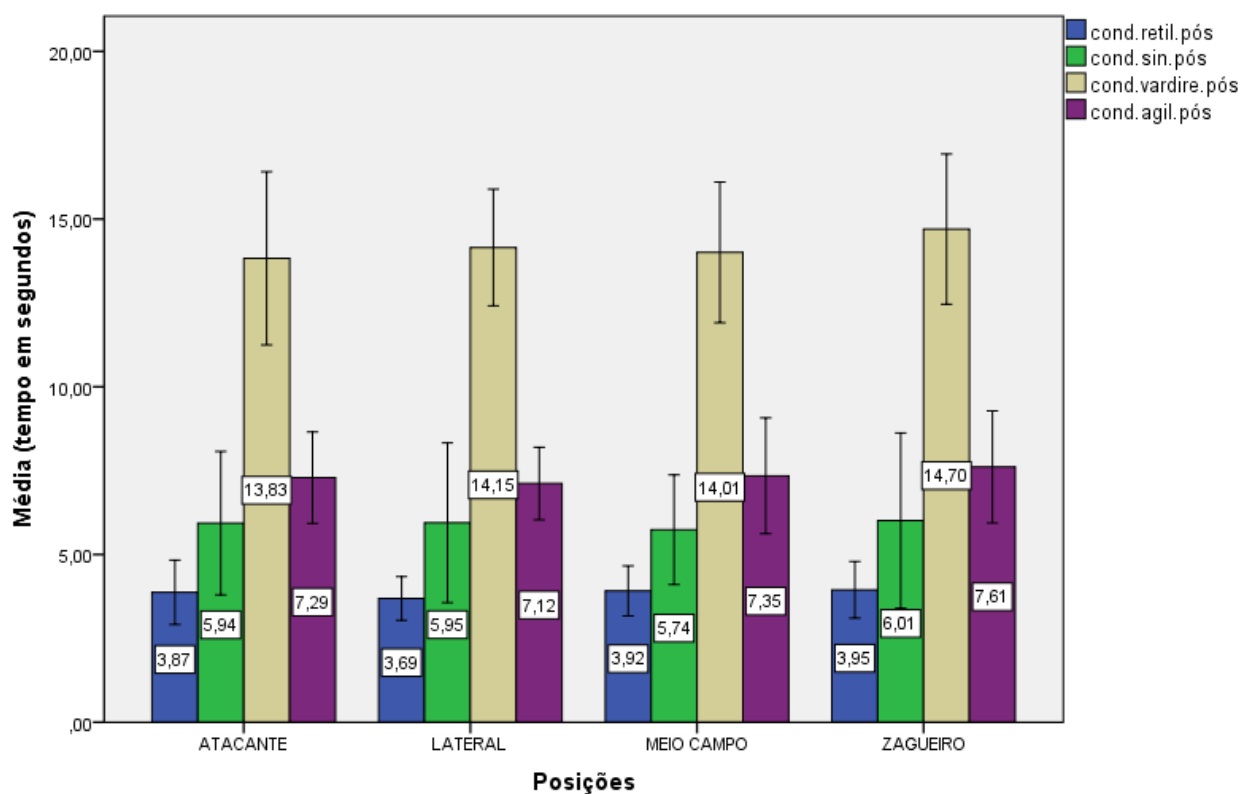


Figura 8 – Valores médios e dispersão nas avaliações referente à habilidade de condução de bola no futebol por posição do jogador na equipe

Podemos observar na figura acima que as melhores médias por posição em cada um dos testes no pós-teste é a seguinte: no teste de condução de bola retilíneo a melhor média foi dos laterais (3,69), no teste de condução de bola sinuosa (Slalom1) a melhor média de desempenho foi dos meio-campistas (5,74), já para o teste de condução de bola com mudança de direção a melhor média observada foi dos atacantes (13,83) e por fim a melhor média para o teste de condução de bola no quadrado de agilidade foi dos laterais (7,12). Em um estudo realizado por Feltrin e Machado (2009), onde aplicaram a bateria de testes proposta por Mor-Christin (1979) em um grupo de jovens futebolistas, divididos por suas posições de jogo. Para o teste de drible, que é o teste desta bateria que mais se assemelha com a bateria de testes proposta no presente estudo os resultados das médias e desvios padrão encontrados respectivamente foram os seguintes: atacantes (15,68 e $\pm 0,68$), meio-campistas (15,99 e $\pm 0,98$), laterais (17,14 e $\pm 0,31$) e zagueiros (16,51 e $\pm 1,05$), o que comprova que não foram encontradas diferenças significativas por posições no teste proposto. Portanto esses resultados encontrados por Feltrin e Machado (2009) vem ao encontro aos resultados encontrados no presente estudo.

A otimização do treinamento infantil e de jovens requer um conhecimento básico das condições vigentes em cada faixa etária. Somente este conhecimento possibilita estabelecer um treinamento adequado às necessidades de crianças e jovens (WEINECK, 1999).

De acordo com Ramos & Neves (2007) a iniciação esportiva é o período em que a criança começa a aprender de forma específica e planejada a prática esportiva. Em seu trabalho, Oliveira & Paes (2004) descrevem quais são os períodos da Iniciação esportiva, os autores referem-se que a fase de iniciação esportiva II é marcada pela aprendizagem de várias modalidades esportivas, atendendo crianças e adolescentes da 5ª à 7ª séries do ensino fundamental, com idades aproximadas de 11 a 13 anos, correspondente à primeira fase da adolescência. De acordo com os autores, a fase de iniciação desportiva I visa à estimulação e à ampliação do desenvolvimento motor por intermédio das atividades variadas específicas, mas não especializadas de nenhum esporte, a fase de iniciação esportiva II estimula à aprendizagem de diversas modalidades esportivas, dentro de suas particularidades.

Filgueira (2007) destaca as fases pelas quais as crianças passam na iniciação esportiva relacionada ao Futebol. Tal autor destaca que o futebol é um esporte muito complexo, por isso é muito importante que a criança, nos níveis de idade sub-10, sub-11 e sub-12, tenham uma formação básica, e desenvolva de forma gradativa as habilidades físico-mentais como, consciência corporal, coordenação, flexibilidade, ritmo, agilidade, equilíbrio, percepção espaço-temporal e descontração

Segundo Paes (2001), os conteúdos de ensino a serem ministrados nessa fase são os conceitos técnicos e táticos dos desportos: basquetebol, futebol, futsal, voleibol e handebol, nos quais devem ser contemplados, além desses conteúdos, finalizações e fundamentos específicos. Oliveira (2004) acredita que deve-se trabalhar os exercícios sincronizados e o "jogo", que ainda deve tomar a maior parte do tempo nos treinamentos. Como o tempo maior de trabalho é dedicado a enfatizar o jogo, o ensino-aprendizagem contempla as regras; estas, portanto, devem ser simplificadas, nas quais a tática "razão de fazer" contribui para a aprendizagem da técnica "modo de fazer" e vice-versa.

4.6 - Conclusões

As análises dos resultados nos permitiram chegar as seguintes conclusões sobre os testes de habilidades de condução de bola no futebol em categorias de 11 e 12 anos.

Os quatro testes apresentaram uma validade de conteúdo excelente com base na avaliação dos quatro experts da área. Indicando que a forma de descrição do teste, seu entendimento, sua capacidade de aplicação e mensuração foram consideradas válidas.

Os avaliadores que aplicaram e cronometraram o desempenho dos jovens atletas do futebol apresentaram uma excelente objetividade, avaliação inter-avaliadores. Revelando uma compreensão e padronização, por parte dos avaliadores, nos critérios de avaliação determinados nos protocolos descritos.

Os testes de condução de bola retilínea, sinuosa e com variação de direção apresentaram uma boa capacidade de reprodutibilidade. Apresentaram uma consistência interna excelente e uma correlação significativa e boa. Não evidenciaram diferenças significativas entre os momentos de mensuração. Dessa forma podemos afirmar que esses testes foram fidedignos podendo ser utilizado na avaliação dessa habilidade específica do futebol com crianças na etapa de formação esportiva. No entanto, o teste de condução de bola no quadrado de agilidade apresentou uma consistência interna questionável, uma associação significativa, no entanto fraca e uma diferença significativa entre os valores médios de pré e pós-teste. Recomendamos mais estudos e cautela na utilização dos dados desse teste.

A bateria de testes proposta para avaliar as habilidades técnicas específicas do futebol, com ênfase na condução de bola satisfaz as exigências necessárias quanto à autenticidade científica, ou seja, validade, reprodutibilidade e objetividade, com exceção do teste de condução de bola no quadrado de agilidade.

O desempenho dos atletas, em suas respectivas posição, nos testes de habilidade específica do futebol não apresentaram diferenças significativas, com exceção da posição de lateral e meio campo no teste de condução de bola retilíneo. O fato de não termos encontrado diferenças pode estar associado dois

fatores, o primeiro refere-se ao fato de que nessas idades a maioria encontra-se em um estágio pré-pubere, onde as diferenças intra-grupo são muito pequenas no desempenho físico-técnico. A segunda refere-se à metodologia de treino, não diferenciando o trabalho físico-técnico entre as posições. Nessa etapa a formação esportiva assume um papel mais importante do que a especialização ou definição da posição que vai atuar na equipe de futebol.

5. REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, R.A.; OKUMA, S.S. Validação de uma bateria de testes de atividades da vida diária para idosos fisicamente independentes. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.1, p.46-66, 1999.

BAILEY D, MIRWALD R. **The Effects of Training on the Growth and Development of the Child**. In Malina R (ed.). *Young Athletes - Biological, Psychological and Educational Perspectives*. Champaign: Human Kinetics Books, 33-47, 1988.

BAUMGARTNER, T.A.; JACKSON, A.S. **Measurement for evaluation in physical education and exercise science**. Madison: WCB Brown & Benchmark, 1995.

BEUNEN, G. Physical Growth, Maturation, and Performance. In R. Eston, T. Reilly (Ed.), *Kinanthropometry and Exercise Physiology Laboratory Manual: Tests, Procedures and Data*. Vol. I: Anthropometry. London: Routledge, 2001.

BOJIKIAN, L.P. et al. Auto-avaliação puberal feminina por meio de desenhos e fotos. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, v.7, n.2, p.24-34, 2002.

BOMPA, Tudor O. **Treinamento Total Para Jovens Campeões**. Barueri, São Paulo, Brasil. Manole. 2002.

BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% Profissional**. São Paulo: Editora Gente, 1997.

CALIMAN, Gustavo Bolsanelo; FERREIRA, Rafael Bertulozo. **Uma proposta de “scout” tático para o futebol**. 2006. Monografia. Faculdade Salesiana de Vitória, Vitória, 2006.

CARRAVETA, Elio; **O jogador de futebol – técnicas, treinamento e rendimento**; Porto Alegre – RS; Mercado Aberto; 2001.

COLLI, A. *Inter-relações entre característica de maturação sexual em adolescentes brasileiros*. *Pediatria*;18-24; 1984.

CORREA, D. K. A., ALCHIER, A. J., DUARTE, L. R. S., STREY, M. N. Excelência na produtividade. A performance dos jogadores de futebol profissional. **Psicologia: reflexão e crítica**. 15(2): 447-460. 2002.

COSTA, Israel Teoldo; **Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação**. Motriz, Rio Claro, v.15 n.3 p.657-668, jul./set. 2009.

CRONBACH, LEE J., AND RICHARD J. SHAVELSON. **My Current Thoughts on Coefficient Alpha and Successor Procedures**. *Educational and Psychological Measurement* 64, no. 3 (June 1): 391-418, (2004).

CRUZ, A. *Mestrado em Desenvolvimento e Adaptação Motora*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra; 2003.

DRUBSCKY, Ricardo. **O Universo Tático do Futebol**. Belo Horizonte: Healt, 2003.

FERNANDES, J. F. *A Prática da Avaliação Física*. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

FILGUEIRA, F. M. **Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol**. *Rev. Port. Cien. Desp.*. ago. 2007, vol.7, no.2, p.245-253.

FIGUEIREDO, Antonio José Barata. **Efeitos da selecção dimensional e funcional em jogadores de futebol infantis e iniciados, segundo o tempo de permanência no escalão**. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra, 2001.

FOLGADO, Bruno Golveia de Miranda. **Construção de uma bateria para avaliação das habilidades motoras manipulativas específicas do futebol**. 2007. *Dissertação (Mestrado)* - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

FRANKS A, WILLIAMS A, REILLY T, NEVILL A *Talent identification in elite youth soccer players: physical and physiological characteristics*. Science and Football IV: 265-270. London: Routledge, 2002.

FREIRE, João Batista, *Pedagogia do Futebol*. Londrina: Midiograf, 1998.

GARGANTA, J. Modelação tática no futebol. **Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**. *Dissertação de Doutoramento*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, 1997.

GRECO, P.J. Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da Iniciação Esportiva na Escola e no Clube. V2, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; CHAGAS, M. H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 47-58, jul./dez.1992.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GORGATTI, M.G.; BÖHME, M.T.S. Autenticidade científica de um teste de agilidade para indivíduos em cadeira de rodas. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.17, n.1, p.41-50, 2003.

HOARE, D; WARR, C *Talent identification and women' s soccer: An Australian experience*. **Journal of Sports Sciences**, 18: 751-758, 2000.

JOHNSON, B.L.; NELSON, J.K. **Practical measurement for evaluation in physical education**. Mineapolis: Burgess, 1979.

KISS, M.A.P.D.M. **Avaliação em educação física**. São Paulo: Manole, 1987.

LANDIS, J.R. e KOCH, G.G. **The measurement of observer agreement for categorical data**. *Biometrics*, v.33, n.1, p. 159-174, 1977.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações**. 5 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

MALINA R. Physical Activity and Training - Effects on Stature and The Adolescent Growth Spurt. **Medicine and Science in Sports and Exercise** 26 (6):759-766, 1994.

MALINA, R.; CUMMING, S. Maturity-Associated Variation in Functional and Sport-Specific Skill Tests: Implications for Adolescent Football Players. *In INSIGHT – The FA Coaches Association Journal*. Issue 3, vol. 7, pp: 37-39, 2004.

MALINA R, CUMMING S, KONTOS A, EISENMANN, RIBEIRO B, AROSO J Maturity-associated variation inn sport-specific of youth soccer players aged 13-15 years. **Journal of Sports Sciences**. 23(5): 515-522, 2005.

MARQUES A. A Especialização Precoce na Preparação Desportiva. **Treinamento Desportivo**.; 2: 9-15, 1991.

MATSUDO, V.K.R.; MATSUDO, S.M. Validade da auto-avaliação na determinação da maturação sexual. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.5, n.2, p.18-35, 1991.

MATSUDO, S.; MATSUDO, V. Self assessment and physician assessment of sexual maturity in brasilian boys and girls: concordance and reproducibility. **American Journal of Human Biology**. v.6, n.4, p.451-455, 1994.

MIKHEEV M, MOHR C, AFANASIEV S, LANDIS T. & THUT G. Motor control and cerebral hemispheric specialization in highly qualified judo wrestlers. **Neuropsychologia**, 408, 1209-19, 2002.

MOR, D; CHRISTIAN,V. **The development of a skill test battery to measure general soccer ability**. *North Carolina Journal of Health and Physical Education*, 15 (1): 30, Spring, 1979.

MORROW, J; JAMES, R. **Medida e avaliação do desempenho humano**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MUSSEN, P.; CONGER, J.; KAGAN, J.; HUSTON, A. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra; 1995.

OLIVEIRA, Mariza Silva de. **Autocuidado da mulher na reabilitação da mastectomia: estudo de validação de aparência e conteúdo de uma tecnologia educativa**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

OLIVEIRA, V; PAES, R R. **A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Ano 10 - N° 71 - Abril de 2004

PACHECO, R. **O ensino do Futebol – Futebol 7, um jogo de iniciação ao futebol 11**. Grafiasa, J.B. Criações – Gab. Gráfica, Lda, 2001.

PAOLI, P. B.; FRANCO, N. **Treinamento tático no futebol: sistema 4x4x2 e 3x5x2**. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2000.

PERES, L. M. R. **Conductas Motrices em la infância y adolescencia**. Madrid: Gymnos editoria, 1994.

PINHO, Rui Pedro Lima. **Seleção desportiva em jovens futebolistas masculino: estudo do escalão de sub-14 da Associação de Futebol de Aveiro**. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

REILLY T. Energetics of high-intensity exercise (soccer) with particular reference to fatigue. **J Sports Sci**, 15, 257-63, 1997.

REILLY T & THOMAS V. A motion analysis of work-rate in different positional roles in professional football matchplay. **J Hum Mov Stud**, 2(1), 87–97, 1976.

SAFRIT, M.J.; WOOD, T.M. **Measurement concepts in physical education and exercise science**. Champaign: Human Kinetics, 1989.

SALE, D.G. Testing strength and power. In: MacDOUGALL, V.D.; WENGER, H.A.; GREEN, H.J. **Physiological testing of the high performance athlete**. Champaign: Human Kinetics, p.21-106, 1991.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese (Doutorado). Campinas: Faculdade de Educação Física- Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, (2003).

SHUMWAY, A. C & WOOLLACOTT, M. H. **Controle motor: teoria e aplicações práticas**. 2ª ed. Barueri: Manole, (2003).

STANZIOLA, L.; PRADO, J.F. Avaliação da agilidade. In: MATSUDO, V.K.R. (Ed.). **T estes em ciências do esporte**. São Caetano do Sul: CELAFISCS, p.73-7, 1982.

SANTOS, E. **Caderno técnico-didático futebol**. Brasília: SEED/DDD, 1979.

SILVA, Eduardo. **Atuação técnica do preparador físico com o treinador na orientação dos treinamentos das equipes do futebol profissional brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVA, L. J., ANDRADE, D. R., OLIVEIRA, L. C., ARAÚJO, T. L., SILVA, A. P., MATSUDO, V.K. R. A associação entre “shuttle run” e “shuttle run” com bola e sua relação com o desempenho do passe no futebol. **Revista brasileira ciência em movimento**. 14(3): 7-12. 2006.

SILVA, Siomara Aparecida da. **Bateria de testes para medir a coordenação com bola de crianças e jovens**. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOTO, L. F. **El juego: una propuesta metodológica activa**. Revista digital efdeportes. Buenos Aires, n 22, junho de 2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 18/04/2011.

TANI, GO. (Org.). **Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento**. 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

TANI, GO.; E. KOKUBUN & MANOEL, E. J. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1998.

THOMAS JR, NELSON JK. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed; 2002.

TORRELLES, A.S. **Escola de futebol: manual para organização e treinamento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal**. 9º edição, São Paulo: Manole, 1999

WILLIAMS A, REILLY T. Talent identification and development in soccer. **Journal of Sports Sciences**, 18: 657-667, 2000.

WISLOFF, U.; HELGERUD, J. & HOFF, J. Strength and endurance of elite soccer players. **Med Sci Sports Exerc**, 30(3):462-7, 1998.

ZAGO, Leandro Calixto; **“O Sistema de transições no futebol”**. Universidade do Futebol, Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br/2008/8/1>>. Acesso em 21/05/2011

6. ANEXOS

Anexo 1 - Ficha de Avaliação

Nome:		Data de Nascimento: / /	
Categoria:	Avaliador:	Posição de Jogo:	
Teste	Tentativa	Tempo (s)	Número Toques Bola
Condução Retilínea	1		
	2		
	3		
Condução Sinuosa	1		
	2		
	3		
Condução Mudança Direção	1		
	2		
	3		
Condução Quadrado Agilidade	1		
	2		
	3		

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Senhores pais ou responsáveis:

Por meio desse documento estamos convidando seu filho a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de seu filho aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento (pais ou responsáveis e o filho), que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo telefone 3308.3629.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: PROPOSIÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES PARA AVALIAR AS HABILIDADES TÉCNICAS DE JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL.

Pesquisador Responsável: Marcelo Francisco da Silva Cardoso

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Telefones para contato: (51) 33085883 - (51) 37376117 (51) 98280206

Participante: Filipe Mattos Martins – (51) 98740879

Instituição que pertence o aluno: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – ESEF/UFRGS

Autorizo meu filho a participar como sujeito do estudo intitulado “Validação de uma bateria de testes de habilidades técnicas para jovens jogadores de futebol”, que envolverá a realização de testes de condução de bola. Entendo que os testes que meu filho realizará são parte desse estudo e terão a finalidade validar uma bateria de testes de habilidades técnicas para o futebol. Por meio deste, autorizo o Professor Marcelo Cardoso e o aluno de graduação Filipe Mattos Martins a realizarem os seguintes procedimentos:

- Executar testes de Condução de Bola medidos através de uma bateria de testes propostos neste estudo, bateria esta que contém quatros testes específicos de condução de bola (retilíneo, sinuoso, mudança de direção e quadrado de agilidade). O protocolo do teste terá um aquecimento de 10 minutos, com 5 minutos de recuperação entre um teste e outro. O teste consistirá em 3 tentativas de condução de bola em cada um dos quatro testes propostos. Os atletas farão o teste calçando chuteiras, para que o teste fique mais próximo da realidade do esporte. Um avaliador ficará no meio do percurso cronometrando os tempos, com um auxiliar para anotar os tempos ao seu lado.

Os responsáveis pelo estudo estarão a disposição para sanar qualquer duvida relativa aos procedimentos do estudo através dos e-mails filipemattos.8@gmail.com e marcelo.cardoso.esef@gmail.com, pelo telefone (51) 98740879 ou pessoalmente durante as avaliações.

Procedimentos para coleta dos dados.

Os testes serão realizados no centro de treinamento do próprio clube. A avaliação da condução de bola será realizados no campo de futebol (na grama) com os atletas utilizando chuteiras. Cada atleta realizará três tentativas em cada teste de habilidade de forma não consecutiva. Após 72 horas serão realizados os mesmos testes com os mesmos procedimentos adotados na primeira avaliação.

Na realização dos testes poderão ocorrer alguns desconfortos passageiros. Entretanto atletas nessa fase de treinamento vivenciam praticas motoras que se assemelham muito com as exigidas na avaliação proposta.

Todos os dados relativos ao meu filho serão confidenciais, e disponíveis somente sob minha solicitação escrita. Entendo que não haverá compensação financeira pela participação no estudo.

As informações não serão utilizadas com fins lucrativos e será resguardada a identidade pessoal dos sujeitos investigados.

Entendo que tenho liberdade em recusar a participação de meu filho ou retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem sofrer penalização ou prejuízo.

Poderei entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS, para quaisquer problemas referentes à minha participação no estudo, ou caso sentir que haja violação dos meus direitos, através do telefone (0XX51) 3308-3629.

(Pais ou responsáveis)

Eu, _____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado e concordo em meu filho participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Assinatura

(Filho)

Declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Nome _____ do _____ filho
(voluntário): _____
Idade: _____ anos.

Assinatura

Porto Alegre, ____ de _____ de _____

Anexo 3 – Termos de Autorização da Instituição

Solicitação de autorização para estudo com atletas do clube

Título do Estudo: VALIDAÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES PARA AVALIAR AS HABILIDADES TÉCNICAS DE JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL.

Pesquisador Responsável: Marcelo Francisco da Silva Cardoso

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Telefones para contato: (51) 33085883 - (51) 37376117 (51) 98280206

Participante: Filipe Mattos Martins – (51) 98740879


Instituição que pertence o aluno: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – ESEF/UFRGS.

O estudo tem por finalidade validar uma bateria de testes de habilidades técnicas para o futebol. Por isso, venho solicitar autorização para a realização do estudo com os jovens das categorias Sub. 11 e Sub. 12, competitiva. As avaliações serão realizadas em apenas um momento em cada categoria. Os testes ocorrerão no centro de treinamento do próprio clube. Os testes de condução de bola serão realizados dentro do campo de futebol (na grama).. Os indivíduos participarão do estudo, depois de devidamente esclarecidos sobre os procedimentos e de assinados os respectivos termos de consentimento livre e esclarecido pelos responsáveis.

Da mesma forma, se necessário, autoriza a divulgação dos resultados da pesquisa através de meios eletrônicos, impressos ou em eventos científicos, sempre mediante prévio conhecimento dos resultados obtidos com a investigação.

Estou ciente da garantia de receber esclarecimento a qualquer dúvida inerente aos procedimentos, benefícios ou outros assuntos relacionados ao estudo e da liberdade de poder retirar o consentimento dado para a realização do mesmo a qualquer momento.

Declaro que recebi a cópia da presente solicitação de autorização para realização do estudo com atletas do clube.



Giuliano Fulginiti Moreira
Diretor das Categorias de Base

Anexo 4 - Questionário Enviado Comissão Julgadora

Questionário respondido por especialistas em esporte e avaliação física, para a determinação da clareza da descrição do teste, sua aplicabilidade e correlação com a condução de bola para jovens praticantes de futebol: (adaptado de Andreotti & Okuma, 1999).

1) Quanto ao entendimento dos testes, você os considera:

- muito fácil de entender difícil de entender
 fácil de entender muito difícil de entender

2) Quanto à aplicabilidade dos testes (em termos de espaço, materiais e adequação à população de jovens praticantes de futebol), você os considera:

- muito viável pouco viável
 viável inviável

3) Você acredita que esses testes meçam a condução de bola para jovens praticantes de futebol?

- sim
 não

4) Faça qualquer comentário que julgue necessário.